



HAMILTON ALMEIDA FILHO



A SANGUE QUENTE

**A MORTE DO JORNALISTA
VLADIMIR HERZOG**

**A
SANGUE-
QUENTE**

HAMILTON ALMEIDA FILHO

A SANGUE QUENTE

A MORTE DO JORNALISTA
VLADIMIR HERZOG



1978

Planejamento Gráfico e Produção

Alice Hayashibara

José Carlos da Costa

Capa

Moema Cavalcanti

Revisão

Maria Aparecida Nogueira

Direitos Reservados

EDITORA ALFA-OMEGA, LTDA.

05411 — Rua Cristiano Viana, 302 — Tel.: 280-9972

01000 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

INDICE

Prefácio	VII
A Sangue-Quente	XI
A Morte de Vlado	13
Cartas a um ex-jornal	63
Nota dos Redatores	91

A Clarice, André e Ivo, em memória
do marido, pai e companheiro de trabalho,
Vladimir Herzog.

A Dom Paulo Evaristo, o cardeal Arns.

PREFÁCIO

Uma escritora que me marcou muito nestes últimos anos, Hannah Arendt, deixou várias páginas apinhadas de sabedoria sobre a verdade factual. Cujo contrário é a mentira, tanto quanto o contrário da verdade científica é o erro e o contrário da verdade filosófica é a ilusão. Através de Hannah Arendt, cristalicei a minha crença na irremediável subjetividade do jornalismo, como expressão individual de homens que optaram por essa forma de atuação política às vezes sem dar-se conta da essência política da profissão e da vocação política que todo jornalista de verdade deve ter. Da mesma maneira, fortaleci a minha crença na objetividade dos fatos em si, cujo destino é inescapável: se registrados, eles passam a compor um bem inestimável, a memória do mundo; quando omitidos, porém, nada poderá fazê-los voltar à lembrança dos homens, pois sobre eles o esquecimento se fechará como o mar sobre um barco soçobrado.

A edição de EX, que agora volta sob forma de livro, um relato forte e profundo dos fatos que conduziram e se seguiram à morte do jornalista Vlado Herzog nas dependências do DOI-CODI de São Paulo, é uma contribuição para a memória do nosso tempo. Trata-se, a meu ver, do melhor trabalho jornalístico de 1975 e mais ainda, muito mais, isto é, um dos trabalhos mais dignos da história do jornalismo brasileiro. Tomem como quiserem a edição de EX, desde o menos importante, quero dizer, desde os seus aspectos formais, desde a técnica que foi usada para reconstituir o

enredo dessa história fatal, até seu conteúdo, até a idéia honesta e límpida que palpita dentro do texto, a concepção justa de profissionais conscientes do seu papel. E concluam: eis aí um exemplo impecável de como tem de atuar profissionais de imprensa formados na certeza de que «não há esperança de sobrevivência humana sem homens dispostos a dizer o que acontece». E o que está entre aspas também é de Hannah Arendt — ah, esta velha Hannah, ela hoje é para mim uma mistura de tia com sibila...

Pois vejam a força da reportagem de EX. Vou contar, como diz o sambista. Dia 25 de outubro passado, o Hamilton de Almeida Filho, o Haf que eu conheci pouco mais que menino e já galopando pelas redações nos primeiros anos da década de 60, surgiu na minha frente e disse:

«Sabe de uma coisa? Vamos reeditar a edição do EX sobre a morte do Vlado e a gente gostaria que voce escrevesse a apresentação». Ele não disse «prefácio», que é uma palavra muito imponente, e eu respondi: «Tudo bem».

Não via o Haf há algum tempo, mas quando a gente se encontra não é de se entregar a grandes expansões. Nem sempre concordamos, nesses últimos dezesseis anos, em relação a isto ou aquilo, mas um conhece muito bem o outro e, no fundo, é como se sempre estivéssemos próximos. Assim eu disse «tudo bem» secamente, mas por dentro fiquei contente com a tarefa que ele acabava de me entregar.

Depois, verifiquei que as minhas razões de satisfação eram ainda maiores. Digo, umas tantas horas depois, enquanto tentava pegar no sono. Havia qualquer coisa agitando as minhas florestas interiores, e não sabia o que era. Acendi a luz e comecei a reler a reportagem do EX sobre a morte do Vlado, um fato de dois anos antes, exatamente dois anos. E, de improviso, pensei: o Vlado tem que estar na próxima capa do «Isto É».

Planejávamos uma capa sobre os parlamentares brasileiros, a maioria deles mais entretidos, num mo-

mento histórico crucial, com a sua própria vidinha do que com os grandes problemas da nação. (Tanto egoísmo seria culpa deles, neste país onde o poder sempre cuidou de cortar pela raiz quaisquer idéias que carregassem um vago potencial mobilizador?). Mas o projeto não me deixava satisfeito. E, de estalo, lembrando a conversa com o Haf e relendo EX percebi que havia coisas mais importantes a serem ditas.

Tínhamos de dizer que a morte de Vlado não acontecera em vão. Isto não é retórica, tanto quanto não é consolo para quem o amou. Bem acima, contudo, do nosso cotidiano, a morte de Vlado Herzog já é história. Ela é um divisor de águas. Se hoje, nos bastidores do poder, nos corredores do Palácio do Planalto, nos túneis do tempo de Brasília, ouvimos falar em extinção do AI-5 e em fim do arbítrio — expressões inimagináveis há dois anos — isto também se deve à morte de Vlado. Foi a partir daquele momento que o governo começou a retomar o controle da situação, que ameaçava escapar-lhe das mãos, se já não lhe escapara. Foi também a partir daí que muitos venceram o seu próprio medo, ou a sua própria apatia, e experimentaram finalmente a necessidade de participar, de interferir, de protestar — ou seja, de dizer, para si mesmos em primeiro lugar, que estavam vivos.

Hoje o poder, antes contido entre governo e sistema, reúne-se nas mãos do general Geisel, talvez o presidente mais poderoso de toda a nossa história republicana. O que aclara o cenário e define as perspectivas: se a abertura que a sociedade civil reclama é efetivamente desejada por Geisel, ele tem meios para realizá-la, ninguém hoje pode duvidar disso.

A memória daquele outubro em que Vlado morreu, preservada por EX, teve esse mérito, para bem da minha alma: fez-me sentir o passado para melhor enxergar o presente. Como valeu para mim, vale para todos.

Mino Carta
Outubro, 1977.

A SANGUE-QUENTE

No dia em que o jornalista Vladimir Herzog morreu, o medo quase entrou em pânico, e a maioria de nós conheceu, fosse por alguns daqueles momentos, o limite entre poder continuar se comportando como seres humanos ou como galináceos. Um moço procurou o encarregado de assinaturas do **Ex-**, altas horas da noite, e pediu que sua "ficha de assinante" fosse cancelada, se possível rasgada e incinerada. Um anunciante mandou suspender o anúncio de roupa jovem, alegando ameaças telefônicas "contra todos nós". Um senhor enviou documento (registrado em cartório!), anulando o pedido de assinatura do **Ex-** que a filha estudante fizera dias antes.

O jornal vinha sendo dirigido, fazia cinco meses, por Hamilton Almeida Filho. Conheci-o no começo de 1964, recém-chegado do **Jornal do Brasil** para a sucursal paulista de **O Cruzeiro**. Vinha precedido por um halo de diz-que-diz: já era comentário, entre os jornalistas de São Paulo, que no Rio de Janeiro crescia "um talento precoce", um repórter de política de 16 anos de idade...

Nascido a 20 de janeiro de 1946 em Taubaté (SP), mas registrado e educado no Rio, primeiro na Zona Norte, depois no Catete, às portas do palácio presidencial da velha capital da República, Hamilton saiu direto do ginásio para a redação de **A Noite**. Começava aos 15 uma carreira que, dezessete anos depois, viria lhe valer este juízo de Samuel Wainer: "Um dos mais brilhantes representantes da nova geração

jornalística do país”. Repórter, redator e editor em muitas das publicações que marcaram a renovação da imprensa brasileira — o próprio **Jornal do Brasil**, **Jornal da Tarde**, **Última Hora**, **Veja**, **Bondinho** e, finalmente, **Ex-**, cuja direção assumiu em julho de 1975 (**Ex-12**).

O **Ex-16** (novembro) estava pronto para ser impresso, quando a tragédia tocou o telefone. “Já soube do Vlado? Pois é, infelizmente ele morreu.”

Um transe.

“Nós não sabíamos de nada. E agora?”

Nos dez dias seguintes, a redação do **Ex-** transformou-se numa central de informações, e Hamilton, no chefe de uma super-reportagem: em campo, os vinte editores efetivos do **Ex-** (inclusive ele próprio), e mais uma dezena de repórteres dos demais jornais paulistas — alguns convidados, outros se colocando espontaneamente à disposição. Nas ruas, no velório, no sindicato, no IML, no enterro, na missa, na cúria, nas redações, na casa do Vlado — a morte estava ao nosso lado.

“Das tripas coração.” Numa noite chuvosa de domingo, 2 de novembro, dia de Finados de 1975, seis mãos começaram a redigir o texto deste livro, a sangue-quente. Revezando-se na máquina, os três editores principais — Hamilton Almeida Filho, Narciso Kalili e eu — tecemos a história colhida em depoimentos, notas oficiais, observações pessoais, frases soltas, documentos, editoriais, laudos e notícias de jornais e revistas. Cerca de setenta laudas em quarenta horas de vigília. Não fazê-lo era como que fazer alguma coisa não-humana.

Mylton Severiano da Silva.

A MORTE DE VLADO

Nós não sabíamos de nada. E agora?

— Olha... você já soube do negócio do Vlado?

— Não, não tô sabendo de nada.

— Pois é, você está sabendo que ele tinha se apresentado, né?

— Não! Não tô sabendo de nada!...

— Pois é, infelizmente ele morreu.

Quem dava a notícia, às 2h30 da madrugada de domingo (26/10), pelo telefone, era Sandro, locutor e funcionário da TV-Cultura, SP. Quem atendeu e ouviu a notícia foi um de nós: Mylton Severiano da Silva. Na casa, terminando de assistir a final amadora de futebol, Brasil x México, direto pela TV, outros do Ex: José Trajano e Márcia Guedes.

A voz de Sandro, normalmente um vozeirão, soa grave e sem nenhuma entonação:

— ...o II Exército vai distribuir uma nota... eu tô avisando... e você avisa aí os outros caras que são amigos dele também.

De manhã, no domingo, o primeiro telefonema acordou a casa às 8h30. Era Ingo Reinaldo; tinha trabalhado com Vlado na TV-Cultura por uns dois anos, assim como, por um período um pouco menor, tinham trabalhado com ele no mesmo telejornal Mylton Severiano da Silva, Narciso Kalili, Palmério Dória de Vasconcelos, Ex-editores. Todos chegaram a trabalhar

juntos, entre 73/74, durante a primeira vez em que Vladimir Herzog entrou para a TV-Cultura.

— Olha, Myltainho, eu tô indo para a casa da Clarice (mulher do Vlado)... Olha, eu acho que o enterro é hoje mesmo. Em todo caso, faz o seguinte: eu vou te deixar o telefone da Clarice, e mais tarde você liga pra lá e se informa, tá legal? — dizia Ingo, um amigo mais chegado de Vladimir.

Nesta altura, muitos já sabiam, outros começavam a saber. Em casos como este, os jornalistas já se habituaram a recorrer ao único jornal que eles sabem que vai dar alguma coisa: **O Estado de S. Paulo**. E é hábito também folheá-lo, atentamente, à cata do que os jornalistas chamam de «pirulito», a nota de uma coluna. Ao pé da página 44, no Estadão de domingo, 26/10, podia-se ler:

«**O Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo divulgou nota oficial comunicando a prisão do jornalista Vladimir Herzog, do Departamento de Jornalismo da TV-Cultura, ocorrida ontem. Vladimir encontra-se no Departamento de Operações Internas do II Exército, onde se apresentou ontem de manhã para prestar depoimento.**

A nota apresenta, ainda, o nome dos jornalistas que se encontram presos naquele Departamento: Sérgio Gomes, Marinilda Marchi, Paulo Sérgio Markun, Ricardo de Moraes Monteiro, Luiz Paulo da Costa, Anthony de Christo, Frederico Pessoa da Silva, Rodolfo Konder, José Vidal Pola Galé e George Duque Estrada. Ontem, parente de Maria Theresa Egger Moellwald — mulher do jornalista Duque Estrada —, anunciou sua prisão, ocorrida em sua residência na noite de sexta-feira.

Em Santos, o vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Moacir de Oliveira, foi preso na sexta-feira por elementos que se identificaram como sendo do **II Exército**».

Myltainho, Narciso e Palmério relembram agora para o Ex:

«O Vlado chegava sempre no meio da tarde, aí pelas 4 e meia. Naquela época ele era uma espécie de secretário do telejornal. Era de chegar trabalhando: pegava a pauta, lia imediatamente com uma atitude muito sua, a de coçar alguns cabelos do alto da cabeça, de pé, e o papel na outra mão. Sua função era editar e botar no ar o telejornal que nós fazíamos, com uma equipe de mais ou menos vinte pessoas. Ou seja, às 21 horas em ponto, com script na mão, ele acompanhava da técnica os 30 minutos de «Hora da Notícia», como um responsável e representante da redação, ali na hora, no estúdio. Lembramos dessas imagens de Vlado depois de termos visto a notícia acima, no Estadão. Na véspera de morrer — apesar de ser agora, nessa sua segunda entrada na TV-Cultura, diretor do telejornal — Vlado desempenhou praticamente as mesmas funções. Foi a última «Hora da Notícia» que ele colocou no ar, na sexta-feira.»

O domingo já tinha amanhecido com cara de dia pesado: cinza no tempo e no interior de todas as pessoas atingidas pela notícia, ainda boca a boca. Cada pessoa, ao ouvir a notícia da morte de Vlado, sentia-se como que atingida por uma bomba de medo, perplexidade!

Sem segredo, de maneira geral todos os jornalistas da cidade de São Paulo se conhecem, mas, se normalmente pouco se comunicam entre si, a partir da notícia se uniram em torno das informações. Ou da falta delas. Até o meio-dia eles se telefonavam de redação para redação, de casa para casa, à procura de amigos e pessoas que soubessem dos fatos. Ainda se pensava que o enterro seria naquele mesmo dia e aguardava-se uma nota oficial prometida pelo II Exército. Tudo era um choque só: a prisão, a morte e a notícia de que, ao comunicar o fato ao Presidente da Fundação Padre Anchieta (TV-Cultura), Rui Nogueira, as autoridades haviam adiantado a causa-mortis — suicídio.

Era inacreditável! Uma tragédia!

Passamos todos a vivê-la, intensamente. Alguns jornalistas começaram a marcar encontros no Sindicato, no centro da cidade, próximo às redações. Outros amigos, jornalistas, intelectuais e políticos de outros Estados, avisados, começavam a rumar para São Paulo.

Nós, nesse meio tempo, procurávamos saber como Vlado tinha sido preso. Não tinha sido.

Na sexta-feira, entre 20 e 21 horas, tocou a campainha da casa de Vladimir Herzog. Um sobrado de fundos, no fim da rua Oscar Freire, uma travessa da rua Augusta. Clarice Herzog, 34 anos, casada com Vlado há mais de dez anos, mãe de André (7 anos) e Ivo (9 anos), atendeu. Dois senhores recém-saídos de um Corcel, perguntaram pelo marido. O motivo da visita: encomenda de um **free-lancer** (um trabalho extra) a Vlado.

Dezenas de pessoas haviam sido presas, em São Paulo, nos últimos dias. E, na própria sexta, mais três jornalistas detidos (Rodolfo Konder, da revista **Visão**; George Duque Estrada, de **O Estado de S. Paulo** e José Vidal Pola Galé, da **Agência Folhas**), conforme o jornalista Julio de Mesquita Neto havia divulgado durante o dia, na última sessão da XXXI Assembléia Anual da Sociedade Interamericana de Imprensa, a SIP, realizada no Hotel Hilton.

Clarice fez ver aos dois estranhos que Vladimir não estava interessado em trabalhos extras.

Os homens se retiraram, Clarice pegou os dois filhos e na Belina do casal foi buscar o marido na televisão. De casa até lá deve ter levado mais de 25 minutos, para cortar a região dos Jardins e alcançar uma das maiores avenidas periféricas da cidade, a Marginal do Rio Tietê. A televisão fica ali, ao lado da ponte para o Bairro do Limão-Freguesia do Ó. Atrás de uma indústria, numa ruazinha em curva que praticamente comporta apenas o trânsito de funcionários e visitas da TV. Por isso, a rua de apenas duas quadras tem o nome de um jornalista falecido na década passada, Carlos Spera, ex-repórter de televisão. Quem chega da

rua só vê o muro e as edificações mais altas. O portão principal vive fechado, só abre para os carros da Fundação Padre Anchieta ou de seus diretores. E, à esquerda desse portão, fica a portaria, com funcionários para identificar quem chega. Quem não trabalha na Casa é obrigado a deixar um documento com o porteiro e preencher uma ficha de identificação para poder entrar. A televisão é um conjunto de galpões, separados por espaços gramados.

É neste cenário, rua Carlos Spera, 179, que se desenrolarão as cenas de tentativa de prisão de Vladimir Herzog, nessa noite de sexta-feira, após 21h30.

«Conheci o Vlado há pouco mais de um ano quando fui trabalhar na TV-Cultura. Trabalhamos juntos naquela vez por uns três meses.

No fim de 74, Vlado deixou a Cultura para ficar só na Visão até que nos reencontramos novamente na Cultura agora no começo de setembro. Foi a convite dele que passei a ser um dos editores do «Hora da Notícia».

No começo da madrugada de domingo, quando recebi o aviso de que o amigo Vlado estava morto, o que senti foi terrível. Eu havia acompanhado tudo na sexta-feira. Naquele dia, à tarde, Vlado veio sorrindo ao meu encontro na redação. Embora diretor, ele mesmo se escalava para trabalhar aos sábados. Ele me pedia que fizesse para ele aquele sábado; estava muito cansado e queria passar um fim de semana diferente com a família.

Naquela tarde, ele mesmo dirigiu a edição do telejornal; e foi comigo (às 21 h) acompanhar a transmissão do «Hora da Notícia». Quase no fim do programa desceu para ir à lanchonete. No fim da escada, os dois agentes já estavam à espera dele.

Logo fui avisado e desci correndo para encontrar o Vlado no corredor que dá para o portão da TV. Um colega, o repórter Chico Falcão, já estava lá e eu fiquei junto. Não deve ter demorado um minuto para chegar a Clarice e os dois filhos. Vlado se afastou um pouco e disse pra ela ir para o sítio com as crianças

que ele iria depois. Ela percebeu e encostou também. Vlado explicou que aqueles dois homens eram agentes e estavam ali para levá-lo. Clarice afastou as crianças, Vlado fez menção de andar com os dois agentes até a porta da saída, quando o meu colega ponderou que ele não podia ir sem antes dar instruções para um programa que ainda seria transmitido naquela noite e para uma reportagem que seria feita no dia seguinte. Um dos agentes retrucou que não poderia esperar. «Ainda temos que passar em outros lugares.» Vlado pediu para que esperassem um pouco. Ele era o diretor-responsável e eles podiam acompanhá-lo. Só por isso chegou a voltar à redação, onde os companheiros já se mobilizavam para conseguir a interferência da Presidência da Fundação. Que me lembre nunca vivi momentos de tanta tensão. Eu não ignorava, é claro, esse tipo de coisa. Mas nunca tinha assistido a qualquer prisão e muito menos à prisão de um amigo sem saber porque, porque não há papel. Além disso, era noite e, no máximo, só se poderia presumir para onde ele seria levado.

Fiquei na redação sem condições de fazer nada, se é que alguém tinha condições de trabalhar naquelas circunstâncias. Só as crianças me pareciam tranqüilas. E, quanto a mim, muito mais controlado me parecia o Vlado a dar de ombros quando sua mulher lhe perguntou se estava tranqüilo e a confirmar depois que estava com a receita médica.

Ainda por interferência do colega repórter (Chico), o superior dos dois agentes concordou, por telefone, em permitir que Vlado continuasse em seu local de trabalho até às 11 horas da noite, enquanto era providenciada a localização de alguém para substituí-lo.

Nesse período, um dos agentes permanecia sentado num canto da redação e o outro se mantinha perto do portão. Às 11 e 5, o homem que estava lá fora voltou a entrar; quando se aproximou de Vlado, falou:

«Bem, o senhor cumpre ordens e eu também estou cumprindo ordens. Mas chegamos a um acordo e então o senhor pode continuar seu trabalho. O senhor deve

se apresentar amanhã cedo (sábado, 25/10/75), na rua Tomás Carvalhal, 1030».

Pergunta Vlado:

— A que horas?

R — Às oito.

P — Devo procurar por quem?

R — Capitão Borges (foi o que entendi).

— Estarei pontualmente lá. Agradeço a compreensão dos senhores. Boa noite.

Pra mim, foi um grande alívio.

Fiquei ainda uns dez minutos na redação. Vlado parecia agora completamente tranqüilo e satisfeito em saber que, pelo menos, poderia passar a noite em casa. Ele sabia dos seus colegas que estavam presos e me disse que estava absolutamente tranqüilo quanto a si. E depois:

— Espero, apenas, que possamos conversar cavaleirescamente.

Disse-lhe que não esqueceria as suas recomendações para o jornal de sábado e nos despedimos com um forte abraço.

Sábado à tarde, na redação, sabíamos apenas que ele havia se apresentado no horário.

À noite, a única versão era a de que ele talvez não sairia antes da segunda-feira.

A edição de sábado da «Hora da Notícia» foi ao ar novamente e sobre o filme de abertura saiu a legenda: **diretor-responsável, Vladimir Herzog. Vlado tinha assinado o jornal depois de morto.** (Demétrio Costa fez este relato antes do presidente Rui Nogueira ter recebido determinação do secretário de Segurança Pública, coronel Erasmo Dias, proibindo seus funcionários mais graduados de dar qualquer declaração sobre o fato. Demétrio, 27 anos, é editor de «Hora da Notícia» e chefe de redação das rádios Tupi e Difusora. Jornalista há onze anos, começou com 16 incompletos, redigindo para o programa «Primeira Hora», da Rádio Bandeirantes de São Paulo.)

A sede própria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo é um andar inteiro.

na sobreloja de um edifício-galeria da rua Rego Freitas, atrás do Hotel Hilton e do Teatro de Arena, ao lado do «Som de Cristal», a mais tradicional casa de danças da cidade. É ponto de grande movimentação noturna, principalmente em fins de semana. Mas, durante o dia, nos domingos, a Rego Freitas fica deserta.

À tarde, nesse domingo, dia seguinte à morte de Vlado, os jornalistas que se aproximavam de seu sindicato podiam reconhecer, entre os transeuntes, colegas de profissão; um balançar de cabeça e um aceno de mão eram os cumprimentos silenciosos.

Nós estávamos sedentos de informações e ainda queríamos saber o que fazer!

O presidente do nosso sindicato, Audálio Dantas, que tinha ido a uma reunião da classe em Presidente Prudente (a 500 km da capital), avisado por telefone, na madrugada de domingo, era um dos jornalistas que chegavam. Havia conseguido o 16.º lugar num avião Bandeirantes (15 lugares) e já assumia a liderança das ações. Procurou contato com a família de Vladimir. E nos contou o encontro que mais o emocionou, com dona Zora Herzog, a mãe de Vlado (o pai, Ziegmundo, morreu há cerca de três anos).

Cheguei, me identifiquei como presidente do sindicato, ela me abraçou chorando:

«Nós fugimos do nazismo e escolhemos o Brasil porque achávamos que era um país de liberdade».

Fiz força para não chorar, pela primeira vez.

Quando alguns de nós chegávamos ao sindicato, domingo à tarde, outros colegas saíam: iam ao **Jornal da Tarde**, a redação mais próxima, buscar a nota oficial do II Exército. Eram 16 horas.

«O Comando do II Exército lamenta informar o seguinte:

1) Em prosseguimento às diligências que se desenvolvem na área do II Exército, que revelam a estrutura e as atividades do Comitê Estadual do Partido Comunista, apareceu, citado por seus companheiros, o nome do sr. Vladimir Herzog, diretor-responsável de

telejornalismo da TV-Cultura Canal 2, como militante e integrante de uma célula de base do citado partido.

2) Convidado a prestar esclarecimentos, apresentou-se, acompanhado por um colega de profissão, às 9 horas do dia 25, do mês corrente, sendo tomadas por termo suas declarações.

3) Relutando, inicialmente, sobre suas ligações e atividades criminosas, foi acareado com os seus delatores, Rodolfo Oswaldo Konder e George Benigno Jatay Duque Estrada, que o aconselharam a dizer toda a verdade, pois assim já haviam procedido.

4) Nessas circunstâncias, admitiu o sr. Vladimir Herzog sua atividade dentro do PCB, sendo-lhe permitido redigir suas declarações de próprio punho.

5) Deixado após o almoço e por volta das 15 horas, em sala, desacompanhado, escreveu a seguinte declaração: «Eu, Vladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971, ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luís Weiss, Antonio de Brito, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Markun, enquanto trabalhava na revista Visão. Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal Voz Operária uma vez pelo correio e duas ou três vezes das mãos de Rodolfo Konder. Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas, após acareações e diante das evidências, confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado mais em participar de qualquer militância político-partidária». Assinatura: «ilegível».

6) Cerca das 16 horas, ao ser procurado na sala onde fora deixado, desacompanhado, foi encontrado morto enforcado, tendo para tanto utilizado uma tira de pano. O papel contendo suas declarações, foi achado rasgado, em pedaços, os quais, entretanto, puderam ser recompostos para os devidos fins legais.

7) Foi solicitada à Secretaria de Segurança a necessária perícia técnica, positivando os senhores peritos a ocorrência de suicídio.

8) As atitudes do sr. Vladimir Herzog, desde sua chegada ao órgão do II Exército, não faziam supor o gesto extremo por ele tomado.

9) As prisões até hoje efetuadas se enquadram, rigorosamente, dentro dos preceitos legais, não visando a atingir classes, mas tão somente salvaguardar a ordem constituída e a Segurança Nacional». (Comunicado oficial do Comando do II Exército distribuído à imprensa domingo; em Folha de S. Paulo, página 3, 27/10/75, segunda-feira).

Três horas depois da chegada da nota acima, saía a nota oficial do Sindicato dos Jornalistas, em seguida distribuída por nós e outros jornalistas nas redações:

«O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo cumpre o doloroso dever de comunicar a prisão e morte do jornalista Vladimir Herzog (Vlado) ocorrida ontem nas dependências do Departamento de Operações Internas (DOI), do II Exército, em São Paulo.

A seqüência dos acontecimentos que conduziram a esse trágico desfecho foi esta:

1) Sexta-feira, dia 24, às 21h30, agentes de segurança foram à TV-Cultura, local de trabalho do jornalista. Os agentes de segurança, após consulta a seus superiores, comunicaram ao jornalista Vladimir Herzog que ele deveria comparecer no dia seguinte, sábado, às 8 horas, àquele departamento, a fim de prestar um depoimento. O jornalista comprometeu-se a ir, sem necessidade de escolta policial.

2) No sábado, à hora marcada, o jornalista chegou ao DOI num táxi, acompanhado de um colega de trabalho da TV-Cultura, que foi dispensado em seguida.

3) As primeiras horas da noite de sábado, as autoridades de segurança informaram que o jornalista se suicidara na prisão e que uma nota oficial do II

Exército seria distribuída. O fato foi comunicado à família através do presidente da TV-Cultura e o Instituto Médico Legal forneceu um atestado de óbito, informando como causa da morte «asfixia mecânica por enforcamento», como local, a rua Tomás Carvalhal, 1030 (sede do DOI) e «hora ignorada».

Segundo informações chegadas à família, o corpo do jornalista Vladimir Herzog tinha sido entregue no Instituto Médico Legal por volta das 17 horas.

Não obstante as informações oficiais fornecidas pelo II Exército, em nota distribuída à imprensa, o Sindicato dos Jornalistas deseja notar que, perante a lei, a autoridade é sempre responsável pela integridade física das pessoas que coloca sob sua guarda.

O Sindicato dos Jornalistas, que ainda aguarda esclarecimentos necessários e completos, denuncia e reclama das autoridades um fim a esta situação em que jornalistas profissionais, no pleno, claro e público exercício de sua profissão, cidadãos com trabalho regular e residência conhecida, permanecem sujeitos ao arbítrio de órgãos de segurança, que os levam de suas casas, ou de seus locais de trabalho, sempre a pretexto de que irão apenas prestar depoimento, e os mantêm presos, incomunicáveis, sem assistência da família e jurídica, por vários dias e até por várias semanas em flagrante desrespeito à lei.

Trata-se de uma situação, pelas suas peculiaridades, capaz de conduzir a desfechos trágicos, como da morte do jornalista Vladimir Herzog, que se apresentara espontaneamente para um depoimento.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo comunica ainda que o sepultamento do jornalista Vladimir Herzog será realizado segunda-feira, às 10h30, saindo do velório do Hospital Albert Einstein, no Morumbi, para o Cemitério Israelita, no km 15 da Rodovia Raposo Tavares. E conclama os jornalistas de todas as redações de jornais, revistas, rádio e televisão, sem exceção, a que compareçam para prestar a última homenagem ao companheiro desaparecido. A DIRETORIA. (Apenas dois jornais de São Paulo

não publicaram esta nota: o **Diário Popular** e a **Folha da Tarde**.)

Na redação desse último jornal, do Grupo Frias, um homem chamado Torres foi visto por jornalistas, que ele chefiava, erguer-se sobre uma mesa para gritar que a morte de Herzog tinha sido justa e que esse seria o fim de todos os que pensavam como ele.

No ar desse final de domingo surgiram outros sinais: os telefones do jornal **O Estado de S. Paulo** e do Sindicato dos Jornalistas começaram a apresentar um estranho chiado. Quase ao mesmo tempo os jornalistas começaram a identificar carros particulares, chapa-fria, que rondavam pelas imediações do sindicato e de algumas redações.

O presidente da Fundação Padre Anchieta, Rui Nogueira, 24 horas atrás, vivia um fim de sábado tranquilo. Até que recebeu um telefonema do secretário da Segurança Pública do Estado de São Paulo, coronel Erasmo Dias. Rui Nogueira havia sido escolhido pelas autoridades para comunicar a Clarice Herzog o falecimento do marido. Com roupas caseiras, como descreveriam mais tarde funcionários da TV-Cultura, ele chegou à sede da fundação e convocou o encarregado da segurança da emissora, sr. Fleury, e o repórter Chico Falcão, para juntos irem à casa de Vladimir. Mais tarde, da comunicação oficial à família, sobrou o comentário do encarregado Fleury, feito na sala de Vladimir, enquanto a viúva recebia a notícia:

— Também, com esses **posters**, como é que vai dizer que não era comunista?

A morte de Vladimir começava a comover o país. Algumas horas antes de Clarice saber o destino de seu marido, o cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo, comunicava ao seu assessor mais direto, o padre Viegas, que mais um jornalista tinha sido preso. Eram 14 horas de sábado. Dias depois, padre Viegas contaria aquela tarde a Hilton Libos, do Ex:

— **Todos os dias recebemos queixas de prisões na Cúria. Se naquele exato momento em que o cardeal estava me comunicando a prisão de Vlado, ele não**

estivesse, possivelmente, acabando de morrer, seria apenas mais uma prisão. D. Evaristo estava proferindo uma palestra num Congresso de Não-Violência, quando foi procurado pelo jornalista Mino Carta (diretor da revista *Veja*), pedindo garantias para os jornalistas presos e intercessão do Cardeal junto ao governador Paulo Egídio. O governador estava em Jales (600 km da capital).

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo já tinha anotadas, naquela altura, mais de 80 prisões (61 de 30/9 a 21/10), mas diante da insistência do jornalista Mino Carta, a Cúria resolveu tentar contato com o governador.

— Paulo Egídio sugeriu um contato com o secretário da Segurança Pública — diz padre Viegas. Telefonamos para a Segurança Pública, disseram que ele deveria estar em Santos.

O cardeal Arns, às 20h20 de sábado, soube da morte de Vladimir. E quando comunicou ao padre Viegas, ele ficou paralisado:

— Eu pensei: a que ponto chegamos? A que ponto chegamos, meu Deus? E continuei assim até que encontrei uma pessoa amiga e passei o fato. «Morreu o jornalista que estava preso», falei. Ela baixou a cabeça e chorou convulsivamente, segurando o rosto com a palma das mãos.

Meia hora depois, nessa noite de sábado, o assessor da presidência da TV-Cultura, Fernando Faro, responsável pelo convite para que Vlado assumisse a direção do Departamento de Telejornalismo, em setembro deste ano, recebia um telefonema em sua casa. Era Juca de Oliveira, presidente do Sindicato dos Atores do Estado de São Paulo:

— Ô, Baixo! Já soube do Vlado?

Não. Fernando Faro não sabia nem que Vlado tinha sido procurado pelos órgãos de Segurança na noite de sexta-feira, na TV, nem que Vlado tinha se apresentado no sábado de manhã, acompanhado por um funcionário da TV, nas dependências do DOI, para

prestar depoimento. E muito menos que Vlado estava morto.

Depois do telefonema de Juca de Oliveira, Faro tentou contato com alguns amigos, até que Rui Nogueira, presidente da fundação, o convocou para ir ao Instituto Médico Legal. Ali, Faro encontrou alguns jornalistas, entre eles Mino Carta. Rui Nogueira, que estava acompanhado pelo repórter Chico Falcão e pelo encarregado Fleury, tentou ver o corpo de Vladimir. Foram impedidos.

Do IML, Rui Nogueira e Fleury foram para a casa de Clarice Herzog — que na noite de sábado e madrugada de domingo recebeu a visita de dezenas de pessoas.

No domingo, depois da autópsia, uma segunda tentativa para ver o corpo: do irmão da viúva. Não conseguiu. Ele tentou obter uma nova autópsia, realizada por outro médico do IML. Não conseguiu e a alegação era de que a parte burocrática do instituto estava fechada.

Clarice chegou ao IML a tempo de acompanhar o corpo do seu marido ao Hospital Albert Einstein.

Pouco antes das 16 horas, no bairro do Morumbi, agentes dos órgãos de segurança vistoriavam o velório do Hospital Albert Einstein, para onde o corpo de Vladimir foi levado às 16h30. O corpo foi recebido no velório por jornalistas e amigos de Vlado.

«Ali perceberam a presença de policiais à paisana, que mantinham uma vigilância discreta.» (O Estado de S. Paulo, 28/10, terça-feira.)

A ação desses agentes foi que frustrou a segunda tentativa de Clarice de fazer novo exame no corpo de Vlado.

«Clarice chegou a pensar em levar o corpo para sua casa, para possibilitar o exame, mas isso acabou não se concretizando: dizia-se que um médico tinha concordado em fazer a autópsia, mas já havia a oficial, que acabou sendo considerada definitiva.» (Jornal da Tarde, 27/10, segunda-feira.)

Clarice manteve-se firme e corajosa, apesar das pressões durante o velório. Passou, porém, por várias crises de choro, inclusive quando se iniciaram as cerimônias do ritual judaico:

«As cerimônias do enterro de Vladimir Herzog realizaram-se por completo e de acordo com os ritos seguidos pelas correntes liberais da religião judaica, à qual os familiares de Herzog são filiados. Foram as cerimônias normais, pois o Chevrah Kadish — Sociedade Sagrada — não encontrou indícios que comprovassem o suicídio do jornalista, o que implicaria a alteração do procedimento, inclusive o sepultamento em local diferente.

(...) Henry I. Sobel (rabino da Congregação Israelita Paulista) assegura que todas as etapas do cerimonial judaico foram cumpridas, inclusive a Tahara, que é a purificação do corpo, com sua lavagem. O corpo chegou ao velório do Hospital Albert Einstein às 16h30 de domingo, e a Tahara começou às 17 horas, realizada por três componentes do Chevrah Kadish e um amigo da família presente. (O Estado de S. Paulo, 31/10, sexta-feira).

Clarice e os familiares se retiraram do velório, impotentes, na noite de domingo. Enquanto isso, ali perto, no Palácio dos Bandeirantes, a morte de Vlado provocava o encontro do governador Paulo Egídio, do cardeal Arns e jornalistas. Como em todas as redações e em todos os meios políticos do país, eles também estavam perplexos. Naquela altura da noite, o ministro Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil do presidente Geisel, já tinha sido localizado e tinha um relato do caso, por telefone. Ele, que passara o dia num sítio fora de Brasília, também se surpreendeu.

O domingo terminou com uma preocupação no ar: a de que os órgãos de segurança fizessem pressão sobre a família de Vladimir para que o enterro fosse feito ao amanhecer. Os jornalistas, preocupados, organizaram um revezamento no velório, noite a dentro, para guardar o corpo de Vlado. No noticiário da manhã de segunda-feira, quase todas as emissoras de rádio de

São Paulo divulgavam as notas oficiais do II Exército e do Sindicato dos Jornalistas, e faziam um convite a todos para o enterro que se realizaria às 10h30, no Cemitério Israelita do Butantã, no km 15 da Via Raposo Tavares.

Mal o dia tinha amanhecido e Clarice já havia voltado ao velório. Com a chegada do sol, mostrando um dia claro e forte, a partir das 9 horas começaram a aparecer as 600 pessoas que acompanhariam o corpo de Vlado.

9h15. Do elevador que chega ao pátio semilotado do Hospital Albert Einstein, saltam o senador Franco Montoro, MDB-SP, e os jornalistas Hélio Damante, de **O Estado de S. Paulo**, Narciso Kalili, **Ex-editor**. Eles já encontraram ali o deputado federal Airton Soares, MDB-SP, e o líder do partido de oposição na Assembleia Estadual, Alberto Goldman. Chegaram depois o senador Orestes Quércia e os deputados estaduais Robson Marinho, Del Bosco Amaral e Horácio Ortiz, todos do MDB.

«O jornalista Vladimir Herzog foi sepultado ontem de manhã no Cemitério Israelita do Butantã, durante uma cerimônia simples e rápida, assistida por uns 600 repórteres, redatores, editores, cinegrafistas, radialistas, artistas, estudantes, deputados e senadores. Não houve nenhum incidente durante o enterro, com exceção da indignação de familiares pela pressa com que foi feito: a mãe de Vlado, como ele era chamado, chegou à quadra número 28 do cemitério quando seu filho já tinha sido enterrado no túmulo 64. A cerimônia de sepultamento durou apenas quinze minutos, e não as duas horas que costuma durar quando são observados todos os rituais e preceitos judaicos. O cardeal D. Paulo Evaristo Arns compareceu ao Hospital Albert Einstein, onde o corpo de Vladimir estava sendo velado desde a tarde de domingo, quando foi liberado pelo Departamento de Operações Internas do II Exército, em cujas dependências ele morreu sábado passado.

O cardeal estranhou a ausência de rabinos no velório: foi recebido por colaboradores do Chevrah Ka-

dish ou Santa Sociedade, organização que se encarrega de cumprir o ritual fúnebre previsto pela religião judaica. Entrou no velório em companhia do senador Franco Montoro e cumprimentou os familiares do jornalista que, delicadamente — «para evitar emoções dolorosas» —, lhe pediram para não fazer qualquer pronunciamento público. O cardeal orou em silêncio durante alguns minutos, confortou os amigos de Vladimir e saiu, sempre em companhia do senador e vários deputados federais e estaduais que o acompanhavam. O clima, enquanto isso, era de intensa expectativa, mais por causa dos agentes armados que passaram a madrugada no hospital, que logo cedo foram substituídos por fotógrafos e cinegrafistas que não pertenciam ao sindicato ou a qualquer órgão de imprensa: houve casos de desmaio e as crises de choro foram frequentes. As 10h30, quando mais de 600 pessoas se avolumavam no hospital, o caixão negro contendo a urna lacrada em que o corpo de Vladimir foi encerrado pelas autoridades, foi transportado ao carro funerário.» (Jornal da Tarde, 28/10, terça-feira.)

Os fotógrafos e cinegrafistas desconhecidos não perderam nenhum detalhe no Cemitério Israelita de Vila Borges, um subúrbio do Butantã, que acordou logo cedo na segunda-feira com o barulho das sirenes de C-14 inspecionando a área, deixando agentes em pontos estratégicos. O clima do enterro foi por demais denso. Desde o velório, porém, o clímax do nervosismo que percorreu todos os presentes foi a chegada sucessiva de quatro dos jornalistas que estavam presos desde antes de Vladimir — dois deles citados na nota oficial do II Exército como acareados com Vlado, horas antes de sua morte. A notícia da chegada do primeiro deles, Paulo Sérgio Markun, ainda no hospital, despertou em todos os presentes a curiosidade sobre o que teria acontecido nas oito horas que Vladimir Herzog passou dentro das dependências do DOI. Durante o enterro, George Duque Estrada e Anthony de Christo ficaram numa elevação, ao sol, encostados num túmulo. Rodolfo Konder e Paulo Sérgio Markun estavam se-

parados. A preocupação em vê-los, examiná-los, ouvir algum pedaço da conversa, era geral. Mas os quatro apenas choravam e a única informação que deram foi: tornariam a se apresentar ao DOI às 8 horas da manhã seguinte. A liberação deles tinha sido excepcional, apenas para acompanhar o enterro do amigo, assim como dias antes o próprio Paulo Sérgio havia sido liberado para assistir ao batizado da filha.

O mais abatido era Christo. Amigos comentavam que ele estava uns dois quilos mais magro. De uma forma geral, todos os presentes respeitaram a dor dos quatro jornalistas envolvidos na tragédia.

Havia também o medo de que alguém pudesse se exaltar à beira do túmulo. Mas não houve provocações. O presidente Audálio Dantas foi o último a falar, citando Castro Alves: **«Senhor Deus dos desgraçados / Dizei-me vós, senhor Deus / Se é delírio ou é verdade / Tanto horror perante os céus»**. A multidão ainda ficou parada alguns minutos, em silêncio. Depois, desfez-se devagar, até que um comunicado passou de boca em boca: às 6 da tarde, todos no sindicato.

«O Caso Herzog

Há muitos anos — para sermos precisos há 21 anos — um suicídio, guardadas as proporções, não provocava a reação de tanta uniformidade traumatizada no Congresso Nacional, quanto a do jornalista Vladimir Herzog.

Esperavam-se sessões tumultuadas, no Senado e na Câmara dos Deputados.

Mas, o que se viu, nas duas casas do Legislativo, foi um plenário perplexo, atento e respeitoso, como em velórios.

Desde cedo, os líderes arenistas não ignoravam que o MDB levantaria o Caso Herzog. Por isso, trataram de colher informações complementares, para fazer face à agitação que se prenunciava. O debate veio e o grande público que, por coincidência inexplicável, lotava as galerias, primeiro da Câmara, depois do Senado, mal o percebeu, pois os líderes dos dois partidos abordaram

a delicada questão sem alterar a voz, uns e outros igualmente emocionados.

De seu gabinete o líder José Bonifácio, da maioria, preferiu acompanhar pelos alto-falantes o registro da morte de Herzog, feito pelos vice-líderes emedebistas Fernando Lira e Freitas Nobre, bem como os esclarecimentos prestados a seguir, em nome do governo, pelo deputado João Linhares. Por isso, quando o telefone da liderança soou, e o próprio Bonifácio o retirou do gancho, o ministro da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, ouviu, em primeira mão, a notícia de que apesar dos pesares — e nunca uma expressão se ajustou melhor à realidade — a sessão estava correndo tranqüila.» (Folha de S. Paulo, 28/10, terça-feira.)

O centro nervoso do caso Herzog, na tarde de segunda-feira, porém, era a sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo. Ali, diretoria e associados iam deliberação sobre os próximos passos quanto à morte de Vladimir e cuidar da segurança dos jornalistas citados no bilhete atribuído a Vlado e reproduzido pelo comunicado do II Exército: Marco Antonio da Rocha, editorialista do **Jornal da Tarde**, e Luís Weiss, redator de **Veja** e dirigente do sindicato. Os outros citados e envolvidos no caso, George Duque Estrada, Rodolfo Konder, Anthony de Christo, Paulo Sérgio Markun, também preocupavam o sindicato, pois voltaram a se apresentar no DOI na manhã seguinte.

Uma hora antes da reunião no sindicato, o presidente Audálio Dantas e toda a diretoria são convocados ao quartel-general do II Exército, pelo Chefe de seu Estado-Maior, general Antonio Ferreira Marques. O comandante do II Exército, general Ednardo D'Ávila Mello, tinha viajado para Brasília, onde participaria, no dia seguinte, da reunião do Alto Comando. Mas, preocupado com a situação em São Paulo, mantinha uma linha direta de comunicação aberta com o seu Chefe do Estado-Maior.

A reunião entre os jornalistas e os militares foi longa e por isso atrasou a outra, da classe. Quando a

diretoria voltou, os 300 jornalistas presentes à sede viram nos seus rostos o clima do encontro. Os generais Ferreira Marques e Ariel Pacca (Comandante da 2.a Região Militar) e o coronel Paes, Chefe do Serviço Secreto do Exército (2.a Secção) criticaram o discurso de Audálio Dantas durante o sepultamento de Vladimir, e a primeira nota do sindicato, cujo tom, segundo as autoridades, levantava suspeição sobre a versão do suicídio. Os militares mostraram também muita preocupação com a reunião que se realizaria no sindicato logo a seguir.

A diretoria do sindicato também estava muito preocupada. Preocupada com o que ouvira no QG, com o clima de tensão entre os jornalistas e com a presença de dezenas de estudantes que vinham hipotecar solidariedade pela morte de Vlado. E então, fez o que pôde.

Ouviu, durante horas, dezenas de propostas e sugestões desencontradas que refletiam, porém, a grande disposição de luta dos jornalistas. Antes de se retirar para redigir seu segundo comunicado após a morte de Vlado, ouviu pelo menos dois depoimentos marcantes:

— O que decidirmos aqui, será a matéria-prima política que o país vai discutir.

— Estamos discutindo aqui qual a garantia que eu tenho de continuar trabalhando. Se eu morro amanhã ou não.

A nota do sindicato deu a tônica do comportamento político do país durante toda a semana. Ninguém mais, nenhuma das forças envolvidas nos acontecimentos correria o risco de avançar um passo sequer.

«A diretoria do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo informa que esteve ontem em contato com os generais Ferreira Marques, Comandante do Estado-Maior do II Exército, e Ariel Pacca da Fonseca, Comandante da 2.a Região Militar, e com o coronel Paes, Chefe da 2.a Secção do II Exército, para solicitar maiores informações sobre as condições em que morreu o jornalista Vladimir Herzog e a situação

dos jornalistas que continuam presos no Departamento de Operações Internas (DOI).

Quanto à morte de Vladimir Herzog, as autoridades forneceram cópias do laudo pericial de causa-mortis, assinado pelos médicos Arildo Viana e Harry Shibata; exame grafológico, assinado pelo perito Antonio Armindo Camilo, e pericia de encontro de cadáver, assinada pelo perito Motoho Chiota.

Quanto à situação dos demais jornalistas presos no DOI, o general Ferreira Marques informa o seguinte:

1 — Rodolfo Konder, George Duque Estrada, Paulo Sérgio Markun e Anthony de Christo, que foram autorizados a comparecer ao sepultamento de seu colega, jornalista Vladimir Herzog, dormiriam em suas casas, com o compromisso de se apresentarem novamente hoje ao DOI, às 8 horas. Os quatro jornalistas voltarão àquele departamento para concluir seus depoimentos e, segundo informa o general Ferreira Marques, há possibilidade de serem liberados amanhã mesmo. Cumprida essa etapa, eles aguardarão em liberdade intimação do DOPS para a formalização de seus depoimentos em cartório.

2 — O jornalista Luís Paulo Costa, correspondente de O Estado de S. Paulo em São José dos Campos, que sofre de ostiomielite e se encontrava doente, foi libertado por volta das 18h30 de hoje.

3 — A jornalista Marinilda Marchi, presa em Brasília e trazida para São Paulo, está ainda em fase de depoimento.

4 — Quanto a Sérgio Gomes da Silva, José Vidal Pola Galé, Ricardo de Moraes Monteiro e Frederico Pessoa da Silva, o general Ferreira Marques diz que no momento não dispunha de informações, mas prometeu solicitá-las e transmiti-las ao sindicato.

O coronel Paes, Chefe da 2.ª Seção do II Exército, informou também à diretoria do sindicato que, a partir do próximo sábado, as visitas a jornalistas e demais pessoas presas no DOI, poderão ser feitas às terças, quintas e sábados, em grupos de seis por dia.

Até agora, as visitas eram limitadas a uma por dia da semana.

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas comunicou também aos generais Ferreira Marques e Ariel Pacca da Fonseca, a grande intranqüilidade e insegurança que provocaram, em todas as redações de São Paulo, as condições em que são efetuadas as prisões e, principalmente, a morte, na prisão, do jornalista Vladimir Herzog.

O sindicato comunica também a seus associados, e em especial às famílias dos jornalistas detidos, que está contratando novos advogados para lhes prestar toda a assistência jurídica necessária.

Todas essas informações foram transmitidas aos jornalistas que se encontravam, à noite, na sede do sindicato, aguardando o resultado das gestões da diretoria no QG do II Exército. (O Globo, 28/10, terça-feira.)

Ao marcar a realização do culto ecumênico na sexta-feira, o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo também marcou a hora e o palco da cena máxima da crise política armada antes, durante e após a morte do jornalista Vladimir Herzog: sexta-feira, 16 horas, Catedral da Sé.

AGUARDEM: a apresentação ao DOI de mais dois jornalistas; a liberação de outros dois jornalistas; a greve na Universidade de São Paulo; a solidariedade do país aos jornalistas paulistas e o avanço da liberdade de expressão para os jornais diários.

Antes, porém, o depoimento de uma mulher corajosa, a viúva do jornalista morto, Clarice Herzog. Depoimento ao Ex-editor Narciso Kalili, no dia 3/11:

«Acho que a barra começou a ficar pesada desde a hora que ele entrou para o Canal 2 e com as denúncias do Cláudio Marques. Foi um negócio que estava amolando bastante, irritando, aquela pressão toda. E a gente de início não estava dando muita importância à coisa. Sabíamos perfeitamente que ele devia estar envolvido com grupos, mas a gente estava tranqüilo. A chegada de Vlado ao Canal 2 foi um negócio muito legal, o Vlado o que quer fazer é televisão... eu estou

falando tudo no presente ainda, sabe? Eu ainda não assumi a morte do Vlado. Eu realmente não assumi a morte de Vlado, como se a qualquer momento ele entrasse aqui dentro. Eu não enfrentei a morte ainda. E o que realmente o Vlado queria fazer era televisão. Televisão, cinema, ele começou com cinema. Mas não havia condições em televisão... acho que a consciência de televisão nasceu em Londres, quando nós fomos lá. Ele se entusiasmou com o alto nível da televisão inglesa, com a possibilidade de um trabalho sério com televisão. Possibilidade de você realmente comunicar, na medida em que o cinema ainda é para minoria. Fazer um trabalho decente; o que é uma TV educativa? Uma televisão boa, uma boa televisão, uma televisão que informa.

Ele sempre foi muito crítico com a programação que tinha, os programas todos. E quando apareceu o negócio do Canal 2 — ele começou antes no Canal 2, na época do Fernando (Fernando Pacheco Jordão, ex-diretor de telejornalismo da TV-Cultura, Canal 2 — NR), depois saiu, e agora essa possibilidade, quer dizer, foi um dos momentos de maior felicidade dele. E ele estava preparando um filme sobre Canudos.

Nesse mês que demorou a contratação, ele foi investigado, a informação que eu tenho, a informação que ele tinha, era de que ele tava sendo investigado, tinham tirado ficha do Vlado em tudo quanto é lugar, Deops, SNI, tudo. Essa investigação foi pedida por uma ala do governador Paulo Egidio.

Quando ele começou a trabalhar, começaram os problemas. No dia em que ele começou a trabalhar, quarta-feira, saiu aquele programa, aquele negócio de Ho-Chi-Mihn, e o Cláudio Marques em cima, inclusive o programa foi feito pelo remanescente da equipe anterior (dirigida por Walter Sampaio — NR). Aí começou um desgaste, tava difícil, falta de equipe, o Vlado trabalhava das 8 da manhã às 10 da noite. Botava inclusive o programa no ar, realmente a barra estava pesada. Mas havia sempre uma possibilidade de contratação, de fazer coisas.

Na sexta-feira em que o Markun foi preso (18/10 — NR), ele era chefe de reportagem de lá, nós ficamos sabendo no sábado pela manhã. Ficamos muito chateados, não sabíamos exatamente o quê, as informações que a gente teve foi através dos jornais. Mas, na segunda-feira, o pai do Markun veio aqui de manhã em casa. Contou que o Markun saiu pro batizado da filha e que ... uma conversa estranha, mas tinha falado o nome do Vlado, o Vlado seria preso. Mas, preso por quê? E o pai dele, «não sei». O Vlado então pegou o pai do Markun e levou à Secretaria da Cultura para que ele repetisse o que falou a ele, com o Mindlin. (José Mindlin, secretário da Cultura de São Paulo — NR). Não chegou a ser recebido. Quer dizer, uma semana antes, o Vlado já sabia que ia ser preso.

Continuamos a viver normalmente. Aliás, como diz o coronel Erasmo (secretário da Segurança Pública de São Paulo — NR), quem não deve, não teme, e fiquei tranqüila. Me arrependo muito desta postura, mas ainda continuo com ela. É um negócio incrível! Sabe aquela sensação de segurança, de que nada pode acontecer com você, de que nada pode mexer com você, você é inviolável? Eu não sei. Em nenhum momento eu senti realmente medo, como não sinto medo ainda. Sinto muita raiva, mas medo eu não sinto. Bom, continuamos vivendo normalmente.

Na sexta-feira (o Vlado se apresentou no sábado), eles estiveram aqui às 8h30. Eu falei que o Vlado estava na TV, eles entraram aqui, quer dizer, entrou só um. Nós íamos passar o fim de semana fora, num sítio que temos em Bragança. Eu ia apanhar o Vlado na TV e íamos embora. Quando chegaram aqui, eu percebi pela cara, pelo jeito, pela conversa... Eles queriam que o Vlado fizesse uma reportagem. Eu argumentei que o Vlado não trabalhava como free-lancer, não tinha condições. Ele insistiu e eu disse que se ele quisesse falar com ele poderia entrar para telefonar para a televisão. Ele não quis e saiu. Ai liguei para o Vlado avisando o que estava acontecendo. Apanhei as crianças e fui para a TV. O Vlado, o Chico Falcão,

estavam conversando com dois agentes. Depois de muito argumentar, conseguimos que Vlado se apresentasse no dia seguinte. Fiquei tranqüila. Eu sabia que ele ia apanhar, levar choque, mas voltaria pra casa.

Os homens se retiraram e chegaram o presidente (Rui Nogueira — NR), o Fleury (encerregado da Segurança da TV-2 — NR) e o Paulo Nunes (jornalista credenciado junto ao II Exército — NR). O presidente pediu ao Paulo Nunes que acompanhasse o Vlado até o DOI, no dia seguinte. Ele respondeu que não precisava, que não tinha problemas, que era só o Vlado ir lá e se apresentar. O presidente insistiu, alegando que ele era setorista da TV-Cultura, subordinado de Vlado, e deveria levá-lo até o DOI. Paulo Nunes concordou e como a mulher não estava em São Paulo, resolveu ir dormir lá em casa. Arrumei uma cama pra ele e fomos deitar por volta de uma, uma e meia da manhã.

No dia seguinte, o Vlado levantou tão tranqüilo, tão tranqüilo que tomou banho, fez a barba. Eu o beijei como se ele fosse sair para trabalhar.

Sobre o que estava acontecendo, nós não discutimos só naquela noite. Estávamos falando a semana inteira. Estávamos prevendo que era uma briga de áreas políticas e que o Vlado estava sendo usado como bode expiatório. Era só ver as notícias do Cláudio Marques.

Bom, no sábado, o Paulo Nunes me ligou aqui umas três horas, mais ou menos, dizendo que não queria ser muito otimista, mas que «não há nada lá», que «acho que o Vlado sai hoje mesmo», não sei o quê, «o negócio é simples, não fique preocupada, há uma possibilidade remota de que ele saia hoje mesmo». É claro que eu não estava acreditando nisso; nenhum deles que entrou tinha saído. E o Paulo Nunes terminou: «Vou te deixar sossegada neste fim de semana, só volto a te ligar na segunda-feira».

Por mais tranqüila que eu estava — meu marido preso, na certa sendo torturado, então eu estava com uma certa ansiedade. Inclusive tive de avisar a mãe do Vlado que ele tinha sido preso pra ela não ficar

sabendo pelos jornais no outro dia, isso às seis e meia da tarde, quando o Vlado já estava morto. Eu avisei, ela ficou desesperada: «Agora, com essa campanha anti-sionista, vão matar meu filho». Aquela conversa toda. Aí eu disse pra ela não se preocupar, que os tempos eram outros, só iam tomar o depoimento dele e ele ia voltar pra casa.

Comecei a ficar nervosa, havia um cansaço físico, eu me troquei, tomei banho, nove e meia estava na cama. Aí começaram uns telefonemas estranhos, para casa, procurando o Paulo Nunes, que o Paulo Nunes estaria aqui em casa. Tentava identificar as pessoas, mas nada. Dizia que o Paulo Nunes não estava, não tinha ficado de vir, de voltar, pelo menos não me falou nada. Três, quatro telefonemas, inclusive o Chico Falcão me ligou procurando o Paulo Nunes aqui. Comecei a achar estranho e mais estranho ainda quando o Rui Nogueira ligou pra cá e disse: «Vou tomar a ousadia de lhe visitar em casa». Eu disse é claro, pode vir a hora em que quiser.

Passei uma hora na espera do Rui Nogueira. Estava ficando desesperada. Saía fora, entrava, não sei. De repente me deu um negócio e eu comecei a achar aquilo ... Liguei pruma amiga, disse que viesse pra cá, que eu achava que tinha acontecido alguma coisa pro Vlado. Nesse exato momento, entra aqui em casa o Rui Nogueira, o Paulo Fleury, o Armando Figueiredo (assessor de imprensa da Secretaria da Cultura de São Paulo — NR) e uma pessoa que eu não sei quem é. Na hora em que esses quatro caras entraram aqui em casa eu pressenti o que tinha acontecido. Eles me comunicaram que o Vlado estava morto e inclusive me deram a versão de que ele tinha se suicidado.

Eu, em nenhum momento acreditei nisso. Eu tinha certeza de que ele tinha morrido torturado. E aí começou. Eu queria, queria ver o corpo, mas eu mesma não tinha muitas condições. Estava preocupada com a mãe de Vlado. Não fui ao IML, mas pouco antes do corpo ser liberado, fui buscá-lo e levei-o ao hospital. Ali começou a discussão do que eu poderia fazer. Eu

queria uma nova autópsia. Queria que ele fosse examinado novamente. Os advogados, porém, me deram dois caminhos: pedir ao IML novo exame — isso ia demorar três dias e acabar concluindo que as evidências muito fortes de suicídio desaconselhavam nova autópsia — ou então deixar que enterrassem o Vlado e depois pedir uma investigação sobre sua morte. Resolvê deixar enterrar.

Eu vi o corpo. Só o rosto, quando abriram o caixão pra fazer aquelas cerimônias judaicas. Foi muito rápido mas deu pra ver que a fisionomia de Vlado estava tranqüila, o que aumentou minha convicção. Ele não tinha se matado.» (Trabalhei com Vlado durante pouco tempo. Não posso dizer que éramos amigos. E Clarice vi duas ou três vezes, ligeiramente. Fui procurá-la muito emocionado e ouvi as palavras de uma mulher enraivecida e impotente. Mas com uma coragem e uma força que fariam Vlado orgulhar-se. Nada pode justificar o que aconteceu aos dois. Narciso Kalili.)

— Pelo amor de Deus! Me poupe!

Paulo Nunes, nervoso, de mãos trêmulas, camisa de seda azul com bolas brancas, pede ao Ex-editor Hamilton Almeida Filho (dentro da redação do telejornal da TV-Cultura), que faça como todos os jornalistas e omita o seu nome da história da morte de Vladimir Herzog.

— Eu só participei no caso a pedido da direção da televisão. Não tinha nada a ver com a história, além de ser colega do Vlado. Podia ser chamado até de bravo por ter ido sozinho acompanhá-lo ao DOI, não sendo presidente do sindicato nem nada. Agora, você fala com o Chico Falcão, ele acompanhou tudo, pode lhe contar. Minha mulher está grávida, não quero que ela leia nos jornais. Tô velho, 54 anos, me poupe, tá?

Jornalista sempre ligado a assessorias de imprensa de órgãos oficiais, eis a lembrança que o Ex-editor Hamilton Almeida Filho tem de Paulo Nunes, desde os mais remotos tempos de profissão, 1961:

«Paulo Nunes é há longo tempo credenciado junto aos órgãos de segurança. Na TV-Cultura, trabalhava

como setorista de II Exército, junto ao QG. O próprio Vladimir Herzog vinha, como diretor de telejornalismo, providenciando sua efetivação nos quadros da emissora, já que Paulo Nunes recebia na forma de cachê. Sua participação, nos acontecimentos que, em menos de 20 horas, tiraram a vida de Vlado, foi da maior importância, conforme nossa própria matéria demonstra. Com esse nível de participação, é inexplicável que não seja o primeiro a sentir a necessidade do total esclarecimento da morte de seu colega de profissão. A justificativa por ele apresentada e aceita pela maioria da classe, que não noticiou o seu nome, perde o sentido para mim, diante da dor da família de Vlado, da nossa falta de segurança para trabalhar e a possibilidade, para nós da imprensa, de ver a totalidade dos fatos para sempre encoberta.» (Hamilton Almeida Filho.)

A única notícia que a TV-Cultura levou ao ar sobre a morte de Vlado foi a leitura da nota oficial do II Exército, no jornal do meio-dia, da segunda-feira, no mesmo momento em que se realizava o enterro. A decisão foi tomada diretamente pelo governador Paulo Egídio, e comunicada ao presidente da fundação Rui Nogueira, e seu assessor Fernando Faro, em reunião na noite de domingo. Paulo Egídio cuidava pessoalmente do caso, uma vez que o secretário da Cultura, José Mindlin, participava de um congresso nos EUA. O ambiente da reunião, que contou com a presença de outros assessores do governador, mostrava claramente que a chamada «Crise da TV-Cultura», com a morte de Vlado, tinha atingido o próprio Paulo Egídio. Tal como Clarice Herzog, várias pessoas no Palácio dos Bandeirantes se perguntavam: «Como foi possível isso, se o nome dele passou pelo SNI?»

No dia seguinte, ao transmitir as ordens do governador à abatida equipe de telejornal da TV-Cultura, Fernando Faro deixava transparecer uma pista do perigo maior, caso aquele departamento desse cobertura aos acontecimentos:

— Nós «somos» o governo do Estado.

«O Secretário defende os jornalistas e a TV-Cultura.

O secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia, José Mindlin, gostaria de ficar em silêncio, mas decidiu ontem defender a equipe de jornalismo da Fundação Padre Anchieta — TV-Cultura — acusada de fazer propaganda comunista em seus noticiosos.

O secretário ficou em silêncio enquanto as denúncias estavam restritas às colunas de um comentarista de um jornal de anúncios, tratando apenas de vagas críticas. Agora, as denúncias chegaram ao plenário da Assembléia e, embora José Mindlin considere que enquanto não forem apontados fatos concretos, não há motivos para preocupação, resolveu que já é hora de esclarecer o assunto.

José Mindlin disse que a equipe de jornalismo da TV-Cultura lhe parece séria e objetiva, não merecendo as suspeitas e críticas que têm sido levantadas. Sobre o chefe do departamento de jornalismo, ele garante:

— O jornalista Vladimir Herzog é um sujeito sério, que merece a confiança da Fundação Padre Anchieta.

O secretário não concorda com a observação feita pelo deputado Wadih Helu, que foi quem levantou o assunto na Assembléia (ontem ele falou de novo), de que a TV-Cultura faz propaganda do comunismo, ao invés de promover o governo do Estado.

(...) Os programas 'comunizantes', segundo o deputado Wadih Helu, são as aulas de geografia nº 48 e 49 do curso supletivo (madureza), transmitidas nos dias 2 e 7. Tema: «Países Socialistas». E ainda uma aula de história sobre a Revolução Russa. Todas aprovadas pela Censura Federal.» (Jornal da Tarde, 9/10, 16 dias da morte de Vlado).

Deixando de lado o deputado ex-presidente do Coríntians, temos o prazer de apresentar o colunista de jornal de anúncios, citado nota acima.

«A infiltração (a essa altura não é infiltração, é domínio total, ou quase...) da esquerda contestatória no sistema e na democracia, em vários escalões, só não vê quem é conivente ou burro. O caso da TV-

Viet Cultura extrapolou. E muito. Chegou a atingir a figura do próprio secretário José Mindlin, o que, de certa forma, é contra-senso. Mas não se pode negar que a «pesada» da esquerda militante tentou montar lá esquema após a saída de vários elementos que mantinham razoável (eu não diria ótimo) nível de rendimento administrativo e jornalístico. Houve até uma frase de um «camarada» esta semana: «Deixa a Coluna Um serenar que a gente contrata o pessoal todo». E parece que na lista já estão alguns nomes bem conhecidos... O que me parece cretino é comunista sendo subvencionado pelo dinheiro do Estado. Emprego existe no paraíso soviético. Ou então em Portugal, lá no «República», na «Rádio e TV Portuguesa», onde NÃO são admitidos profissionais que não sejam inscritos e militantes do PC. Eu não exijo atestado ideológico de jornalista, nem quero fazer o jogo de fascistas. Mas é cretino admitir o domínio total do PC nos jornais, revistas e TVs. Detalhe: outro dia, um enviado especial de Brasília, entre acreditar em informações que me diziam um «exagerado», preferiu ligar o Canal 2. Estavam exibindo a vida de Suvanna Phuma e os feitos do «Khmer Vermelho». O homem desligou com um sorriso significativo...» (Shopping News, seção Coluna Um, de Cláudio Marques, 28/9, alguns dias depois de Vlado ter assumido a direção do telejornalismo da TV-Cultura).

Cláudio Marques, 36 anos, não é só um colunista do semanário dominical Shopping News. É também o «Arauto da Notícia», segundo a TV-Bandeirantes, que o emprega como comentarista político diário, sob o patrocínio da Construtora Adolfo Lindenberg, de propriedade do diretor-tesoureiro da Tradição, Família e Propriedade, a famosa TFP. No Boletim Semanal nº 77 da TV-Bandeirantes, de julho último, pode-se ter uma idéia de como o próprio Cláudio Marques se vê:

«Bem, quando o meu amigo Paulo Egídio quer revelar alguma coisa importante, mas delicada, ele não procura um informante meu. Ele me diz pessoalmente. É a confiança que eu infundo neles, são esses anos

todos de trabalho regular e criterioso. No começo comi grama, pastei mesmo. Mas agora já posso desfrutar de uma situação tranqüila».

Ele mora numa bela casa do Morumbi, é diretor-superintendente do Consórcio Brasileiro de Imprensa, um grupo que reúne 90 jornais de «O Estado de S. Paulo»; possui um escritório de advocacia com o irmão. Viaja frequentemente para o exterior, possui um dos maiores acervos de arte de São Paulo e comprou há pouco um Porsche, «realmente fantástico».

«Tenho a consciência de que sou uma exceção no jornalismo brasileiro. Acho um crime o que acontece entre nós. O profissional é mal pago e não tem condições de se aprimorar e, afinal de contas, o jornalista é o formador da opinião pública. Eu me considero um formador da opinião pública. Sei que em várias cidades do interior sou líder de audiência no horário. Araras é uma delas. Mas sou uma exceção. Nasci rico. Casei com uma mulher rica. Pude cultivar as minhas amizades.

Tenho uma cara bonitinha, fotografo bem na televisão. Sei que isso leva uma boa parte do público feminino a assistir ao meu programa. Não tenho medo de dizer: sinto-me orgulhoso por isso.

Sou contra as atividades políticas nas universidades, hoje no Brasil. E também não acredito na participação dos estudantes na vida partidária.»

Cláudio Marques começou a trabalhar na TV-Bandeirantes há três anos. Quando passou a fazer campanha contra a TV-Cultura, chegou uma vez a usar seu programa de televisão para ampliar seu raio de difamação. Antes que a reação dos jornalistas da casa se manifestasse, a diretoria já o tinha obrigado a limitar sua campanha às colunas que mantém nos três jornais do grupo **Diário Comércio e Indústria**. No domingo em que o corpo de Vladimir Herzog era devolvido a seus familiares, Cláudio Marques chegava à desfaçatez de classificar o local onde uma dezena de jornalistas encontravam-se presos, de «Tutóia Hilton» (uma referência à rua onde localiza-se o DOI). Na

mesma nota, ele atingia com a delação a imprensa universitária; praticamente chamava a polícia para acabar com o jornal **Dois Pontos**, da Escola de Comunicações e Artes da USP, que estava em seu 2º número.

No clima de indignação e dor que se seguiu à morte de Vladimir Herzog, a diretoria do sindicato ouviu, em todas as reuniões, dezenas de propostas para que Cláudio Marques fosse expulso da entidade. O adjetivo mais brando para qualificá-lo era «dedo-duro».

Sexta-feira, 31/10; faz duas horas que oito mil pessoas deixaram a Catedral da Sé, após o culto ecumênico em homenagem à memória de Vladimir Herzog. Cláudio Marques, sem saber, tem encontro marcado com o Ex, nos estúdios da TV-Bandeirantes. São 20h45.

Quando o repórter Edson Brenner se aproximou da porta, tentando aparentar tranqüilidade e demonstrando claramente que ia entrar, que já estava empurrando a porta de madeira e vidros duplos, que já tinha entrado e a porta já estava sendo decididamente empurrada, para fechar novamente, o guarda-costas entrou também. Cláudio Marques está sentado à frente de uma mesinha preta e de costas para um cenário dentro do cenário principal: parece que ele está de costas para uma elegante estante de livros em escritório luxuoso.

Com o gesto largo de sempre, Cláudio Marques está no ar, mostrando aos telespectadores que seu relógio de mostrador negro, caríssimo, informa que está na hora de «Fechar Aspas». O repórter pensou que havia chegado na hora de cumprir sua missão — entrevistar Cláudio Marques. Um fato inesperado: de repente, o personagem principal começa a tirar sua gravata, rapidamente, enquanto se dirige para a porta, ao mesmo tempo que informa aos operadores:

— **Enquanto vocês preparam aí, eu vou trocar de gravata e de lenço.**

Acontece que sexta-feira Cláudio Marques grava em vídeo-tape seu programa de sábado. Por isso a necessidade de trocar de gravata e lenço — para os

telespectadores tem-se que dar a impressão de que ele trocou de roupa, no dia seguinte.

Relógio vai, «Abre Aspas», relógio vem, «Fecha Aspas». E Cláudio Marques é abordado, na saída do estúdio:

— Boa noite, Cláudio, será que você pode bater um papo comigo?

Foi então que ele se deu conta, pela primeira vez, da presença do personagem inesperado. Um leve susto, rápido, pequena agitação.

— Ah, sim, sim, claro. Mas vamos ali que eu preciso tirar essa maquilagem do rosto.

Sala ao lado do estúdio, pequena, equipada com cadeira de barbeiro, espelhos, muito iluminada, um armário e cosméticos. Um ou dois novos personagens que só entram na história para cumprir ordens de Cláudio, «vê um colírio para eu acalmar a irritação dos olhos», «me dá o creme». Passa o creme de limpeza no rosto.

— Vamos lá.

— Cláudio, você não me conhece mas eu conheço você. Eu sou do jornal Ex e estou aqui a propósito do que aconteceu com o Vlado. Você está sendo acusado de dedo-duro, de ter movido uma campanha contra o Vlado, que está sendo encarada...

O repórter vai registrando e, mais tarde, procurou reproduzir o mais fielmente possível as palavras textuais de Cláudio:

— É, eu sei, mas é uma campanha sacana que um profissional como eu, com 20 anos de profissão, não merece. Olha aqui... Como é o teu nome? Eu te conheço, sim, mas sabe como é...

— Meu nome é Edison. Vou fazer uma matéria isenta, entende? Tudo que você disser, eu vou registrar.

— Olha aqui, da morte do rapaz eu não vou falar. Seria um absurdo dizer qualquer coisa. Nada do que eu dissesse mudaria o fato de que ele morreu. Agora, sobre a minha posição, eu não mudo nada. Não tem sentido. Só faltava eu dizer agora, que ele está morto, «olha aí, pessoa, não é nada disso, não aconteceu nada

na TV-Cultura». Não, eu mantenho tudo o que disse na minha coluna porque é aquilo que eu penso e assino embaixo. Eu sou assim mesmo e acho que o comunismo não é a solução para o Brasil, eu defendo isto e vou defender sempre.

Creme no rosto, lenço de papel Yes:

— Agora veja bem, isto é uma coisa. Eu nunca fiz campanhas pessoais em minha vida. Em minha coluna sempre defendi idéias. Aliás, não fui eu quem levantou o assunto da TV-Cultura nem o comunismo. O da TV-Cultura foi o Estadão, o do comunismo foi o presidente Geisel, no dia 1º de agosto. Então, é isto. Eu nem conhecia o rapaz, nunca fiz campanha pessoal contra ele. Minha atuação foi sempre em torno de idéias, nunca pessoal.

Começa a operação colírio.

— Agora, veja bem, eu também fiquei sabendo que disseram que eu fiz a campanha, porque queria o lugar para mim. Ora, pense, eu ganho muito bem, sou diretor de três jornais, sendo que o Diário Comércio e Indústria é meu. Ora veja só. Eu nunca quis na minha vida ser funcionário público. Podem dizer o que quiserem, que eu sou filho da puta, tudo, enfim, tudo o que quiserem, mas eu não tenho emprego público, nunca ganhei dinheiro nessa base, entende? Veja bem, se eu um dia quisesse ser funcionário público, eu ia lá no Paulo que é meu amigo há dez anos e até meio parente, até, e pegava uma diretoria do Banco do Estado, entende?

Não há mais vestígio de maquilagem no rosto de Cláudio; o último lenço Yes já foi para o lixo:

— Eu quero que você fotografe bem esse quadro que eu vou dar agora. Fotografe bem isso: eu nunca fiz campanha pessoal contra ninguém, mesmo quando o cara é comunista. O maior exemplo disso é a redação dos meus jornais, onde eu emprego e dirijo quase 50 profissionais, entre os quais há mais ou menos 5 ou 6 que são da extrema esquerda. Se o cara é comunista, bicha, veado, sacana ou o que for, não me interessa. (...) Então, é por isto que eu quero que você

fotografe bem esse quadro: essa campanha é indecente porque eu nem conhecia o rapaz. Sabe, eu nem vejo a TV-Cultura. Eu escrevi uma nota há dois meses, e foi só. E veja o que foi acontecer. Veja bem, podia ter sido um cara lá de Recife, de outro lugar, enfim de um lugar qualquer, mas não. Foi ser logo um cara da Cultura que eu, por acaso, tinha escrito uma nota. E então deflagram uma campanha contra mim. Olha, eu recebi vários telefonemas de colegas se solidarizando comigo. O Samuel Wainer foi um. Outro foi o José Carlos Bittencourt. (Que também levantava suspeitas contra a TV-Cultura, na Última Hora paulista — NR). Então eu não agüentei e escrevi uma carta ao sindicato, contra essa campanha de difamação. Nessa carta, que deve estar com o Audálio, eu digo o mesmo que estou dizendo a você.

Um personagem secundário entrega o paletó azul para Cláudio, o repórter aproveita e pede outro cigarro. Uma elegante cigareira de couro preto coloca um Pall Mall à disposição, fato que leva outros personagens secundários a aproveitar o lance, enquanto Cláudio termina:

— Veja que situação difícil. Eu hoje não fui à missa para não ser mal interpretado. Olha, eu vou te pedir uma coisa, perde mais um tempo e lê esse artigo, é a minha coluna que vai sair no domingo. É isto que eu penso sobre o caso:

«(...) O fato de estarmos sofrendo uma campanha insidiosa e constante de solapamento, ou por elementos interessados, por estarem diretamente envolvidos nesse processo. O fato de que o Estado tem por obrigação agir contra esse tipo de agressão é, por si só, justificável. O que não parece absurdo é que, tendo à disposição todo um instrumental de ordem legal, tenha o Estado de ultrapassar, de maneira despropositada, os limites desse instrumental. E ultrapassá-lo a ponto de ser visualizado como autor dos métodos, sistemas e práticas, que ele próprio (o Estado) condena. E em cujo combate justifica uma série de medidas de ordem política e administrativa.

O direito de defesa, o direito de amparo à lei, o direito à assistência moral, negado peremptoriamente nos países onde o fascismo vermelho detém o poder, não pode absolutamente ser negado entre nós! Não fora só pela tradição cristã e brasileira, mas pelos princípios que motivaram, justificaram e deram vida a março de 1964.

(...) Por outro lado, o intenso e contínuo trabalho que vem sendo desenvolvido nas universidades e nos meios culturais, desde há muito, tem por intuito o convencimento da opinião pública de que o Brasil nega, desde 1964, a plena liberdade de expressão e acesso às fontes de conhecimento científico, político e artístico. É igualmente óbvio que esse trabalho de proselitismo é orientado segundo um vezo gauche, que preferimos não discutir em minúcias. Mesmo porque não é o caso. A ninguém — ao que me conste — foi limitada a ação pessoal e profissional neste país, pelo fato de estar íntima e convictamente ligado a ideologias de esquerda.» (...) (City News, 2/11, domingo, Coluna Um de Cláudio Marques.)

A sexta-feira amanheceu tranqüila, céu cinza. Havia poucas interrogações no ar, pois tudo, ou quase tudo, relacionado com o culto ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog na praça da Sé, havia sido decidido.

A Operação Gutenberg (Gutenberg, inventor dos tipos móveis, patrono da imprensa), mobilizando 500 agentes à paisana e todos os efetivos da Polícia Militar de São Paulo, estava em andamento.

A polícia de Trânsito havia montado 385 pontos de estrangulamento nas principais vias da cidade, para impedir que as vinte mil pessoas previstas («uma multidão incontrolável») chegassem à Catedral.

O presidente Geisel, na cidade desde a véspera, conferenciara rapidamente com políticos da ARENA e do MDB.

O Sindicato dos Jornalistas, os trinta mil estudantes da USP em greve desde o dia anterior, já tinham decidido seu comportamento na solenidade.

A palavra de ordem em todos os escalões com alguma influência era: maturidade, serenidade.

Somente a «massa» esperava — ainda tensa e perplexa — acontecimentos anormais. Mas tudo saiu conforme o previsto.

Folha de S. Paulo: «Nenhum incidente no ato religioso ou depois dele. O suspiro de alívio de milhares de peitos formou uma brisa leve, como aquelas aragens que prenunciam bom tempo».

Jornal da Tarde — «Às 18 horas de ontem, os meios políticos de Brasília já tinham trocado o estado de tensão por um clima de euforia mal contida. As principais lideranças partidárias davam por findas as suas ligações telefônicas com São Paulo — que se prolongaram pela manhã e à tarde — sendo seguramente informadas: o ambiente na cidade permaneceu tranquilo, antes, durante e depois do culto ecumênico pela morte de Vladimir Herzog, celebrado na Catedral da Sé; e o presidente Geisel recebeu calorosa acolhida em todos os locais que visitou».

Na Catedral da Sé, os primeiros participantes começaram a chegar às 15 horas, e até às 18, quando terminou o ato religioso, oito mil pessoas tinham conseguido furar o bloqueio montado pela polícia de trânsito.

Na sacristia da Catedral, os celebrantes do culto — D. Paulo Evaristo Arns, cardeal de São Paulo; Henry Sobel, rabino da Congregação Israelita Paulista — esperavam a chegada do reverendo Jaime Wright, das Igrejas Evangélicas. Ali, 5 minutos passados da hora marcada, o Ex-editor Hilton Libos tem uma surpresa. Um participante inesperado está sendo apresentado ao rabino Henry Sobel: D. Helder Câmara. O bispo de Olinda e Recife acaba de voltar de uma viagem de dez dias por quatro países europeus, que culminou em Londres, onde recebeu o Prêmio Mundial da Paz «Victor Gollancz Humanity Award».

— Meu filho, conte aí que eu ganhei o Prêmio da Paz. No Brasil, ainda ninguém deu.

— Qual o programa do senhor em São Paulo?

— **Meu filho, eu só vim assistir à missa e volto pra Recife.**

— **Alguma declaração?**

— **Pra que falar em voz alta, meu filho, se todos nós estamos conversando em silêncio?**

É fim de tarde, o frio aumenta na praça da Sé. Os órgãos de segurança, com dezenas de fotógrafos e cinegrafistas estrategicamente colocados nos prédios em volta da Catedral, já filmaram e fotografaram exaustivamente a multidão tensa, silenciosa, e insegura que o frio e uma garoa fina, agora, quase uma hora depois de terminado o ato, começa a dispersar.

Nas escadarias da Catedral, com a praça de fundo, um repórter da TV alemã se prepara para fazer o boletim de abertura de sua reportagem filmada, quando percebe que entre os presentes à sua volta, uma moça entende o que ele está dizendo para a câmara. Pára, interrompe o trabalho e antes de um ponto isolado da praça, se justifica, em alemão:

— **Numa situação como essa, não dá pra confiar em ninguém. Não tenho segurança para trabalhar.**

Os jornalistas libertados, durante a semana, informaram agora que o tratamento havia melhorado muito, desde a segunda-feira última, lá dentro do DOI/CODI.

Os outros fatos da semana mostrariam que as coisas melhoravam para os jornalistas acusados:

1 — Luís Weiss, diretor do sindicato e redator de **Veja**, se apresentou às autoridades acompanhado de Mino Carta e José Roberto Guzzo, diretor e redator-chefe da revista, além de Audálio Dantas, na manhã de terça-feira.

«A apresentação foi previamente anunciada ao general Ferreira Marques, chefe do Estado-Maior do II Exército. Luís Weiss apresentou-se ao coronel Paes, Chefe da 2.ª Secção do II Exército, a quem o presidente do sindicato, na ocasião, voltou a comunicar o clima de intransigência e insegurança entre os jornalistas, em consequência das prisões e da morte de **Vladimir Herzog**.» (Nota oficial do Sindicato dos Jornalistas, de 28/10, terça-feira.)

Luis Weiss ainda ficou detido.

2 — Marco Antonio da Rocha, editorialista do **Jornal da Tarde**, teve melhor sorte. Apresentou-se na manhã de quarta-feira, acompanhado pelo presidente Audálio Dantas e pelo jornalista Ruy Mesquita, diretor proprietário de **O Estado de S. Paulo**. Foi recebido pelo general Ferreira Marques e pôde prestar todo o seu depoimento (encerrado no dia 3/11) em liberdade, em dependências da 2.ª Secção, no QG do II Exército. Ia pela manhã, espontaneamente, e era liberado por volta das 16 horas, diariamente. Almoçava em casa.

Realmente, a situação de tensão se aliviou entre os jornalistas. E, depois da «maturidade» do ato ecumênico por Vlado, os jornais passaram a refletir em suas páginas a alegria da classe política. A palavra de ordem voltou a ser a distensão. Nem a proibição da censura às televisões sobre o noticiário da missa, nem a rigidez da «censura prévia» com os semanários — não deixando nem mesmo o nome de Vladimir Herzog —, chegaram a perturbar o novo cenário das ações. Em pauta, entraram diversos assuntos «políticos».

«O debate, que vinha sendo evitado não apenas pelo receio compreensível de deflagrar o incontrolável, mas, pelo desconhecimento mais amplo da realidade sobre a ação dos órgãos de segurança, seus excessos e métodos de atuação, em desenvoltura que não se ajusta às determinações da lei, mesmo da abundante legislação excepcional vigente, agora está em pauta. Quebrou-se o 'tabu' da inviolabilidade, ante a brutalidade dos acontecimentos ocorridos em São Paulo e as trágicas conseqüências da misteriosa escalada da violência (...).

O outro (problema) é a reformulação do governo, com mudanças profundas no Ministério, em escala mais ampla que as anunciadas nas frustradas especulações anteriores. No gênero, como ninguém desconhece, os desmentidos não querem dizer nada. São peças do jogo. O governo está sempre trabalhando internamente, para não esperar passivamente por uma nova crise.

Precisa aproveitar a oportunidade para agir. Pois ela pode ser a última.» (Vilas Boas Correa, O Estado de S. Paulo, 4/11, terça-feira).

E, realmente, o cenário das ações havia mudado. Com a contra-ofensiva da distensão, as notas preparadas diariamente pelo Sindicato dos Jornalistas de São Paulo sobre os presos políticos, que até o final da semana haviam ganho espaço e importância entre o noticiário político do país, passaram para o seu antigo lugar — junto com as outras informações de presos, sem qualquer destaque:

«Chega ao fim greve de fome em Itamaracá.

(...)

Jornalistas

O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo divulgou nota informando que a situação dos jornalistas era a seguinte, no fim da tarde:

1 — Continuam detidos no DOI os jornalistas Luís Weiss, José Vidal Pola Galé e Frederico Pessoa da Silva.

2 — Continuam detidos no DEOPS os jornalistas Sérgio Gomes da Silva e Marinilda Marchi, sendo que esta última deverá ser transferida para o Rio de Janeiro.

3 — Foram libertados os jornalistas Paulo Sérgio Markun, Rodolfo Konder e George Duque Estrada.

4 — O jornalista Marco Antonio Rocha, que se apresentara dia 29, foi liberado, depois de concluir depoimento.

5 — O jornalista Anthony de Christo está em liberdade desde o dia 30.» (Página 18, duas colunas, O Estado de S. Paulo, 4/11, terça-feira).

Na sala de espera da Cúria Metropolitana de São Paulo, na elegante avenida Higienópolis, Regina Maria Fonseca Gadelha, caminha nervosamente, em silêncio. Mais quatro mulheres sentadas num estofado esperavam a vez de serem ouvidas: duas delas eram de Campinas, onde um parente foi preso na noite anterior, quando estacionava o carro na garagem do prédio. As outras duas pessoas queriam falar do irmão que já estava desaparecido há 9 dias e não tinham

notícias. Alguns policiais armados se identificaram como do DEOPS, invadiram a casa da família do rapaz desaparecido, na Vila Maria, remexeram tudo («até na lancheira das crianças», disseram as moças) e o levaram para «ter uma conversa rápida». Regina Maria, enquanto as moças contavam seu caso, preencheu um requerimento pedindo a intercessão do cardeal Arns no caso de seu marido Antonio, preso desde 8/10, nas dependências do DOI/CODI, incomunicável.

— **Estou com medo, medo mesmo. Porque os jornalistas, estudantes e advogados têm, de certa maneira, proteção de seus órgãos de representatividade. E os outros?**

Na sala onde Regina falava ao Ex, dezenas de pessoas passaram durante toda a semana. A relação da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, que funciona ali, tinha 95 nomes de estudantes, profissionais liberais, operários e professores recolhidos, principalmente ao Departamento de Ordem Interna — DOI/CODI — e ao DEOPS. Mas o que mais impressionou o repórter Hilton Libos foi a reação da pessoa encarregada dos trabalhos da Comissão de Justiça e Paz da Cúria (embora os jornais diários tivessem falado livremente), porque sentia-se ameaçada.

— **Estou com medo das reações deles.**

Se os jornais e o cenário político nacional não refletiam mais esse clima de insegurança, na entrada do mês de novembro, nem todos os jornalistas estavam seguros quanto ao futuro. Um diretor de redação de São Paulo, no dia de Finados, traçava um quadro de tintas carregadas.

— **A história dos últimos onze anos mostra que esse sistema só entra em crise por causa de dois fatores: o econômico e o sucessório. Como não há informação palpável do que está acontecendo, como saber que tudo mudou?**

4 de novembro de 1975, terça-feira, 16 horas.

Clarice Herzog, junto com os editores do Ex, examina o seu depoimento a essa reportagem. Passados

dez dias, Clarice mostra a mesma clareza de raciocínio e coragem com que lutou desde o velório:

— Eu vou ser convocada para depor no inquérito que investiga como meu marido morreu. Pode ser que não adiante nada. Mas eu, meus filhos e o Vlado merecem que eu tente. Com a Ordem dos Advogados, com a Comissão de Justiça e Paz da Cúria, com o Sindicato dos Jornalistas, ou sozinha. Eu, realmente, não assumi a morte do Vlado. Não senti medo, não sinto agora.

DOCUMENTOS

PERÍCIA: ENCONTRO DE CADÁVER

Secretário da Segurança Pública

Instituto de Polícia Técnica

1975

nº 13.967

Acompanha peças de exame

Natureza da Perícia: encontro de cadáver (suicídio)

Dia: 25-10-75, local: Cela do DOI/CODI

Vítima: Vladimir Herzog

Req.: Capitão Ubirajara do DOI/CODI

Relator: Perito Criminal Motoho Chiota

Dependência: Divisão de Criminalística

As 18h10 do dia vinte e cinco de outubro do ano em curso, o capitão Ubirajara, comunicando a ocorrência de encontro de cadáver no DOI/CODI, à rua Thomas Carvalhal, n.º 1030, solicitou o concurso de perito a fim de proceder ao levantamento de praxe.

Para a realização do aludido exame, foi designado pelo Diretor desta Divisão, Bel. João Milanez da Cunha Lima, o Perito Criminal Motoho Chiota que, após ultimar o seu trabalho e conferenciar com o seu colega, segundo signatário, apresenta este **RELATÓRIO**.

DO LOCAL

Corresponde a um prédio de dois pavimentos, construído nos fundos do imóvel nº 1030 da rua Thomas

Carvalho, dotado de várias seções e ocupado pela organização DOI/CODI.

Ofereceu particular interesse, no presente caso, a cela especial nº 1 localizada no 2º pavimento desse prédio que é vedada por uma porta metálica de folha única e guarnecida por dispositivo de segurança própria para essa finalidade.

O seu interior, assoalhado, possui uma janela de caixilho de metal envidraçado (vitraux) e é dotada de grade, também de metal.

Próximo dessa janela, dispostos no assoalho, achavam-se dois colchões sobrepostos e junto à porta havia uma cadeira escolar, sobre a qual encontrava-se uma prancheta com papéis e uma caneta esferográfica. Esparsos no piso e em correspondência com a mencionada cadeira notavam-se vários fragmentos de papel rasgado e manuscritos a esferográfica.

DO CADAVER

Junto à janela dessa cela, em suspensão incompleta e sustido pelo pescoço, através de uma cinta de tecido verde, foi encontrado o cadáver de um homem, de cútis branca, apontado como sendo o de Vladimir Herzog, de 38 anos de idade, que se achava com sua língua ligeiramente procidente.

Seu traje, normalmente disposto, compunha-se de macacão verde de tecido igual ao da referida cinta e de cuecas brancas. Seus pés calçavam meias e sapatos de couro, ambos pretos.

A referida cinta, conforme mostra a foto nº 2, anexa, estava na grade metálica, com um nó simples, a uma altura de 1,63 metro. A outra extremidade dessa peça formava a laçada de nó correição que restringia fortemente o pescoço, nó esse situado na parte posterior do lado esquerdo do mesmo (vide pormenores na foto nº 3, anexa).

Removida a laçada, denotou-se, no pescoço, um sulco enegrecido, descontínuo, oblíquo e relativamente

profundo, cuja largura possuía correspondência com a mencionada laçada (vide pormenores na foto nº 4, anexa).

Do que ficou exposto, depreende-se que o fato possuía um quadro típico de suicídio por enforcamento.

DO MANUSCRITO

Recolhidos os mencionados fragmentos de papel e recompondo-os através de colagem num suporte, também de papel, conforme evidencia a foto nº 5, anexa, verificou-se os seguintes dizeres:

«Eu, Vladimir Herzog, admito ser militante do PCB desde 1971 ou 1972, tendo sido aliciado por Rodolfo Konder; comecei contribuindo com Cr\$ 50,00 mensais, quantia que chegou a Cr\$ 100,00 em fins de 1974 ou começo de 1975; meus contatos com o PCB eram feitos através de meus colegas Rodolfo Konder, Marco Antonio Rocha, Luis Weiss, Anthony de Christo, Miguel Urbano Rodrigues, Antonio Prado e Paulo Morbun (ou Markun) enquanto trabalhava na revista 'Visão'. Admito ter cedido minha residência para reuniões desde 1972; recebi o jornal 'Voz Operária' uma vez pelo Correio e duas ou três das mãos de Rodolfo Konder.

Relutei em admitir neste órgão minha militância, mas, após acareações e diante das evidências confessei todo o meu envolvimento e afirmo não estar interessado em participar de qualquer militância político-partidária». Assinatura: «ilegível».

O original deste documento acompanha o presente trabalho.

Nada mais foi dado a observar no local e no cadáver que pudesse despertar interesse de natureza técnica. Era o que tinha a relatar.

Este relatório, datilografado no averso de quatro (4) folhas deste papel, vai devidamente rubricado e assinado. Ilustram-no seis (6) fotografias, legendadas e igualmente rubricadas. São Paulo, 25 de outubro de 1975.

a) Motoho Chiota

EXAME DE CORPO DE DELITO

Secretaria da Segurança Pública

**Instituto Médico Legal do Estado de São Paulo
Del. de Ordem Política e Social — DOPS.**

Registrado em 27 de 10 de 1975 sob o nº 54.620

a) Maria

**Horn. Laudo de Exame de Corpo de Delito
Exame Necroscópico**

Aos vinte e cinco de outubro de 1975, nesta cidade de São Paulo, a fim de atender à requisição do doutor, os infra-assinados doutores: Arildo de T. Viana e Harry Shibata, médicos legistas, foram designados pelo doutor Arnaldo Siqueira, diretor do Instituto Médico Legal do Estado, para proceder a exame de corpo de delito no cadáver de Vladimir Herzog e responder aos quesitos seguintes:

Primeiro — Houve morte?

Segundo — Qual a sua causa?

Terceiro — Qual o instrumento ou meio que a produziu?

Quarto — Foi produzida por meio de veneno, fogo, explosivo, asfixia ou tortura, ou por outro meio ou cruel? (Respostas especificadas.)

Realizada a perícia, passa a oferecer o seguinte laudo: Examinamos hoje, no Necrotério do Instituto Médico Legal do Estado, um cadáver que nos foi apontado como sendo o de Vladimir Herzog, masculino, branco, 38 anos, casado, brasileiro naturalizado, jornalista, filho de Zigmundo Herzog e Zora Herzog, residia na rua Oscar Freire, número dois mil duzentos e setenta e um. REFERÊNCIA: Encaminhado do DOPS (II Exército) com a história de que teria praticado suicídio, burlando a vigilância dos policiais. VESTES: Calça marrom de malha com etiqueta «Old England», camisa fantasia etiqueta «Jean Paton», cueca branca, blusão azul etiqueta «Correa», pulover azul de lã, sapatos e meias pretas. REALIDADE DA MORTE: Evidenciado pelos clássicos sinais tanatológicos de certe-

za. **EXAME EXTERNO:** Cadáver de indivíduo adulto, do sexo masculino, de cor branca, aparentando 38 anos, estatura pequena, biotipo normolíneo, olhos verdes escuros, dentes naturais; rosto triangular, fronte ampla, calvície coronária, cabelos castanhos, ondedados, supercílios unidos no centro, nariz reto, barba por fazer e costeletas crescidas. Pescoço e tórax simétricos. Abdome, membros e genitais sem alterações. As pálpebras encontram-se semi-abertas, a língua protusa, com mucosa ressecada. Cianose da face e dos pavilhões auriculares. Pescoço: sulco semicircular, interrompido ao nível da mastóide direita, localizado na porção alta do pescoço e inclinado para a direita, ao longo do mesmo a pele está apergaminhada; acima do sulco: cianose; abaixo: palidez. Hipóstases no dorso e nádegas. Hipóstases no escroto e pênis em semi-ereção. Cianose das unhas dos pés e das mãos. **EXAME INTERNO:** Praticada incisão bimestóide vertical e rebatido o couro cabeludo, encontramos o epicrânio liso, sem sinais de traumatismo. Aberta a caixa craniana, o encéfalo apresenta-se com discreto edema, sem demais alterações. Praticada incisão sub-manto-púbica e aberta a cavidade tóraco-abdominal encontramos os pulmões armados e o coração em sístole. A superfície pleural visceral apresentava as típicas manchas de Tardiau. Fígado e demais órgãos cevitários congestos, sem outras alterações de interesse a essas perícias. A dissecação do pescoço revelou sufusões de tecido celular, subcutâneo ao longo do sulco descrito. O estudo das artérias carótidas, bilateralmente, não demonstrou alterações macroscópicas visíveis. **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:** 1) Ausência de sinais de violência em toda a extensão do tegumento cutâneo. 2) Hipóstases ainda não fixadas completamente, acima do sulco cervical, no dorso, nas nádegas e nos genitais externos. 3) Protusão da língua. 4) Sulco produzido por laço em posição alta, inclinado para a direita e interrompido no nível da mastóide (local onde deveria estar o nó). 5) Ligeiras sufusões hemorrágicas no tecido celular subcutâneo, nos músculos pré-tireoidianos, ao longo do sulco

descrito. 6) Manchas de Tardiau na superfície pulmonar, indicando sofrimento respiratório. Globalmente o conjunto dessas lesões indica o quadro médico legal clássico da asfixia mecânica por enforcamento. RESPOSTAS AOS QUESITOS: — ao primeiro — Sim; ao segundo — Asfixia Mecânica; ao terceiro — Enforcamento; ao quarto — Não. Obs.: colhido material (sangue mais estômago e conteúdo) para exame toxicológico. Nada mais havendo, encerramos o presente laudo. São Paulo, 27 de outubro de 1975.

a) Dr. Arildo de T. Viana e Dr. Harry Shibata.

PERÍCIA: EXAME DE DOCUMENTO

Secretaria da Segurança Pública

Divisão de Criminalística

Natureza da Perícia: Exame de Documento

Data: 27-10-75

Requisição do Capitão Ubirajara do DOI/CODI

Relator: Antonio Armindo Camillo - Perito Criminal

R.E. Nº 4.194/75

LAUDO DE EXAME DE DOCUMENTO

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de 1975, nesta Capital, São Paulo, e na Divisão de Criminalística do Departamento Estadual de Polícia Científica da Secretaria da Segurança Pública, de conformidade com o disposto no artigo 178 do Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941, pelo diretor Dr. JOÃO MILANEZ DA CUNHA LIMA, foram designados os peritos criminais ANTONIO ARMINDO CAMILLO e CARLOS PETIT, para proceder ao exame grafotécnico adiante especificado, a fim de ser atendida a requisição do CAPITÃO UBIRAJARA, do DOI/CODI.

PEÇA DE EXAME

Constitui peça motivo da presente perícia a «declaração» manuscrita, que se vê reproduzida na foto anexa nº 1, e cujo original, em que se apoiou a presente perícia, se encontra anexado ao laudo do exame em local de encontro de cadáver, emitido pela secção competente desta Divisão de Criminalística sob o número 13.967 e subscrito pelo perito Motoho Chiota.

OBJETIVO DA PERÍCIA

Nos termos da requisição de exame, é a presente perícia para verificar se é autêntica ou não a assinatura «V. Herzog», que se vê ao pé do documento questionado, em face das homógrafas verdadeiras existentes às fls. do prontuário sob R.G. nº 1992614, do Arquivo do DICC, três das quais se vêem reproduzidas nas notas anexas de números 2 a 7.

Após realizarem as pesquisas que se fizeram necessárias lançando mão de aparelhamento óptico adequado, os peritos designados e infra-assinados passam a se desincumbir dos misteres oferecendo os resultados a que chegaram, através da presente.

CONCLUSÃO

É autêntica a assinatura «V. Herzog» que se vê ao final da «declaração» questionada.

Essa conclusão os peritos a estabeleceram em face das convergências gráficas observadas entre a assinatura questionada e as homógrafas de confrontação constantes de fls. do prontuário sob R.G. nº 1992614, em nome de «Vlado Herzog».

Assim é que, conforme ilustram as fotos anexas de números 5 a 8, a assinatura questionada apresenta traçado veloz, isento de indecisões ou artificialismo, reproduzindo, portanto, a mesma qualidade gráfica das

referidas nos termos de comparação do prontuário nº 1992614. Além dessa concordância há, entre a assinatura objeto de exame e suas homógrafas de comparação, convergências no que respeita à construção e desenvolvimento do grafismo (vide assinalamentos nas fotos anexas de números 5 a 8), que fundamentam plenamente a presente conclusão e, dentre as quais, sobressaem o ataque, desenvolvimento e remate do conjunto inicial «V. H.», a ligação «H-e», a construção do «z» e do «g» final.

Ante o exposto julguem os peritos plenamente arrazoada a conclusão expedida, dando a assinatura «V. Herzog» do final do documento questionado, como procedente do mesmo punho que exarou as homógrafas do prontuário R.G. nº 1992614, do arquivo do DICC.

Este laudo, datilografado no anverso de quatro folhas deste papel, foi redigido por seu primeiro signatário, a quem coube, também, a realização de exames, após os quais conferenciou com o segundo, que nada teve a objetar. Acompanham-no oito fotografias, legendadas e autenticadas pelos peritos.

São Paulo, 27 de outubro de 1975.

a) Antonio Armindo Camillo, Carlos Petit (mais a assinatura do Diretor da Divisão de Criminalística).

CARTAS A

UM EX-JORNAL

Rua Santo Antonio, 1043, Bela Vista, SP.

De uma coisa nós, os editores e funcionários da EX Editora sempre tivemos orgulho e certeza: o nosso jornal, o **EX**, era indiscutivelmente o melhor jornal do Bexiga!

Um jornal de texto, fotos, quadrinhos e imprensa que se instalou num sobrado dos anos 20, em frente à sede do **Santos da Bela Vista** e do bar **Pássaro Preto**, alugando primeiro duas de suas salas e convivendo ali com a família de um ex-sargento aposentado da Aeronáutica.

Realmente, a nossa aventura é do tamanho da nossa tragédia!

Quem escolheu o Bexiga, bateu o pé, foi o Serjão, Sérgio de Souza, editor fundador do EX. Com ele, eu, Narciso Kalili, Mylton Severiano da Silva, Amâncio Chiodi, Hamilton de Souza, Dácio Nitrini, Suzana Regazzini, Caco Caetano, Armin-do Machado, todos nós, também autores da mudança, nos idos de novembro de 1973, em seguida ao lançamento do primeiro número de EX:

«Nossa história, Histórias».

Os primeiros 7 mil exemplares do EX foram colocados em 250 bancas, só na cidade de São Paulo (5 mil bancas), em carros de seus próprios editores, e por suas próprias mãos. Era a única saída. Não havia crédito para as despesas industriais, por falta de tradição comercial da firma.

Os mesmos motivos excluíam a possibilidade de anúncios, pelo menos a curto prazo. O capital possível era o resultado das vendas nas bancas. E assim, não havia saída senão controlar o fundamental setor de qualquer publicação, a distribuição.

Este expediente — fazer e distribuir o jornal — foi usado até o número 4. Vendíamos a média de 4.500 exemplares. Nos definimos como «Um jornal de texto, foto, quadrinho e imprensa, e fomos capazes de reunir e publicar matérias como a morte de Allende por García Marquez; a primeira reportagem sobre Cuba escrita por jornalista brasileiro nos últimos dez anos; uma reportagem dentro da cadeia, O Jornal da Prisão; além de textos e entrevistas de Wilhelm Reich, Cortázar, Jane Fonda, Eduardo Galeano, Miguel Urbano Rodrigues, Caetano Veloso, João Antonio, Erich Fromm, José Celso Martinez Correa, Getúlio Vargas, Samuel Wainer, Ruy Mesquita, Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns e Raimundo Pereira, de Movimento.

Quando estávamos nos firmando, o número 3 — cuja capa, uma montagem fotográfica, antecipava o fim de Nixon — foi apreendido pela Polícia Federal (SP), cumprindo «ordens de Brasília» (fato relatado à SIP, em janeiro de 1974). A partir daí, o boicote já normal das agências de publicidade ganhou mais força, em razão da insegurança. Entre o número 4 e o 5, houve um espaço de quase 4 meses. Mesmo assim, chegamos ao número 11 tirando 10 mil exemplares, agora colocados em banca por uma distribuidora (Superbancas Jornal do Brasil, Rio). Nossa venda máxima já tinha atingido os 8.500 exemplares.

Resolvemos concentrar forças diante do que a experiência nos tinha mostrado: continuávamos sobrevivendo. Participante do grupo em várias experiências passadas (Realidade, Placar, Cartaz etc.), Paulo Patarra recebeu um convite

para deixar seu cargo de gerência do Centro de Criação da Editora Abril e assumir a revista Visão, do Grupo Hidroservice, de Henry Macksoud. E recusou. Mas aceitou passar a participar do EX, onde chegou trazendo uma injeção de 50 mil cruzeiros, resultado de seus vários anos de trabalho, dirigindo inúmeros projetos editoriais, para que pudéssemos dar novo passo.

Dezenove meses depois do lançamento, chegávamos ao número 12, 40 páginas, 20 mil exemplares, distribuição nacional, 6 cruzeiros o preço de capa. Tínhamos aumentado em 100% a tiragem, vendemos mais de 10 mil. As possibilidades de crescimento continuavam abertas. Coincidentemente, a Distribuidora Abril, a maior do País, aceitava passar a distribuir o EX, e, por acreditar na publicação, solicitava novo aumento de tiragem: mais 50%, ou seja, 30 mil exemplares. (Do relatório da EX-Editora Ltda. à XXXI Reunião Anual da SIP, em SP).

Pois foi ao abrir as suas três primeiras páginas para as cartas dos leitores, em seu número 12, que o EX lançou uma das seções de cartas de maior sucesso na moderna imprensa brasileira. Nossa modesta proposta inicial começava a se concretizar — nos tornamos os moradores mais importantes daquele trecho da rua Santo Antonio.

De fato: os envelopes chegavam à redação contendo não apenas palavras de estímulo e apoio, mas contos, reportagens fotográficas, ensaios e poesias, pequenas e grandes reportagens, ilustrações, cartuns, editoriais, entrevistas, denúncias, crônicas, pedidos de socorro etc. Da Argentina, um grupo de estudantes de comunicações, brasileiros, em viagem pela América Latina, mandava o depoimento de um ex-Montonero; do México, um jornalista local enviava um furo internacional: a crise da independência do território britânico de Belize, que só viria

ganhar notoriedade um ano mais tarde; do Rio, traduzido e enviado por dois médicos, nossos leitores-correspondentes, chegava um ensaio inédito entre nós, do mais controvertido psiquiatra pós-freudiano, Wilhelm Reich; da distante Tupaciguara, nos confins de Goiás, um anônimo dava notícias da passagem de Gilberto Gil pelos cerrados do Brasil Central.

Nesta altura dos acontecimentos, segundo semestre de 75, já ocupávamos toda a casa; mantínhamos apenas o porão sublocado a um estofador, reformador, revendedor de móveis, tapeceiro, que pagavam 600 dos 1.500 cruzeiros do aluguel total. Chegávamos a ser uns 20 jornalistas que em forma de cooperativa, geríamos ao EX-Editora Limitada. Nominalmente, eu e Paulo Patarra aparecíamos, no contrato social da empresa representando o grupo.

Chegamos a novembro de 75, mês do nosso 2º aniversário, no número 16, com 30 mil exemplares de tiragem (venda média dos últimos três números, 18 mil) e um público leitor calculado pela Distribuidora Abril em 72 mil leitores.

«Liberdade
Liberdade
Abre as asas
Sobre nós»

Com esta manchete, circulou no dia 10 de novembro de 1975, a última edição do jornal EX, que trazia como seu assunto principal, a morte do jornalista Vladimir Herzog, em matéria de 8 páginas, sob o título: «**A morte de Vlado**». A primeira edição, 30 mil exemplares, esgotou-se em todo Brasil em 3 dias, o que nos obrigou a uma segunda, de 20 mil exemplares, a pedido da Distribuidora Abril.

Nos dias 1 e 2 de dezembro, em menos de 24 horas, sofremos dois rudes golpes: a Edição

Extra, «O Melhor do EX», contendo uma seleção de trabalhos já publicados nos 12 primeiros números, foi apreendida inteira na Distribuidora Abril pela Polícia Federal; e fomos informados que a partir daquela data o jornal EX estava submetido à censura prévia e que esta deveria ser efetuada em Brasília, 1.300 km de nossa sede da rua Santo Antonio.

Na ocasião, nos manifestamos assim:

«Nós, a EX-Editora Ltda., empresa de jornalistas independentes, declaramos ilegal a «censura prévia». E, através deste documento, manifestamos nossa firme disposição de não aceitar as medidas ilegais e arbitrárias baixadas pelo Ministro da Justiça do Brasil, Sr. Armando Falcão, que ordenou a apreensão do nosso jornal «Extra, o Melhor do EX», e instaurou a «censura prévia» em nosso jornal mensal EX, a partir de seu número 17.

Assim, tomamos a grave decisão de:

1 — Não submeter o EX à mutilação da «censura prévia»;

2 — Suspender a circulação do jornal EX enquanto perdurar a «censura prévia» decretada pelo Ministro da Justiça;

3 — Lutar, utilizando todos os recursos da Justiça Brasileira, para provar a ilegalidade dos atos do Ministro da Justiça ao apreender o jornal «Extra, O Melhor do EX» e instaurar a «censura prévia» no jornal EX;

4 — Fundar uma nova editora, com o mesmo grupo de jornalistas independentes, e editar uma nova publicação — «Mais UM»;

5 — Conclamar todos os jornalistas, os jornais e os leitores, para a luta pela livre informação». (Da carta da Ex-Editora Limitada enviada à Associação Brasileira de Imprensa, ABI, ao Presidente Geisel, a Kurt Waldheim, Secretário Geral da Organização das Nações Unidas, ONU; datada de 5 de dezembro de 1975.)

O quinzenário «Mais UM» só conseguiu ir às bancas livremente uma vez, em seu número um; a «censura prévia» contra o «Mais UM» foi decretada e a mesma decisão — deixar de circular, não submeter seus originais à leitura prévia — foi tomada pelos editores.

As cartas reproduzidas aqui, reportam a esses acontecimentos. São as que chegaram para o EX-17, o qual corresponderia ao mês de dezembro de 1975. A maior parte, portanto, refere-se diretamente à morte do jornalista Vladimir Herzog, ou à subsequente decretação de censura prévia ao EX e sua paralisação por decisão de seus editores. São cartas de leitores comuns, jornalistas, de gente envolvida no «Caso Vlado», de Dom Paulo Evaristo, o cardeal Arns de São Paulo.

Ainda hoje chega correspondência para o EX na rua Santo Antonio, 1043. Os mais assíduos, ultimamente, passados dois anos desses acontecimentos, têm sido os boletins e informes técnicos da Sociedade Interamericana de Imprensa, a SIP, da qual fazíamos parte como associados. O tapeceiro, que ocupa agora todos os espaços da casa, guarda as cartas e, às vezes, quando cruza com algum de nós, faz o convite:

— Por que vocês não pegam a casa de volta?!

O jornal EX amarrou o seu destino às atrocidades do seu tempo.

Sobrevivemos!

«O caos acabou... foi o melhor tempo de nossas vidas!». (Última fala de «Selva das Cidades», Bertold Brecht.)

Hamilton Almeida Filho
EX editor

setembro, 1977

«Não afirmei ter cinco
ou seis comunistas
trabalhando na redação»

O EX-16 foi às bancas a 6/11/75. No dia seguinte, os editores recebiam, enviada «em mãos», a primeira carta: a de Cláudio Marques, importante personagem do «Caso Vlado» (foi ele quem iniciou, na imprensa e na televisão, a campanha anticomunista que acabou vitimando Herzog). Atualmente, Cláudio é proprietário da Carta, mini-semanário paulista.

Aos Editores
do Jornal EX
Rua Santo Antonio, 1.043
EM MÃOS
Senhores:

Com referência à matéria publicada na edição de seu jornal, de novembro corrente, a não ser por algumas incorreções no texto, a mim atribuídas, na «entrevista» concedida ao seu repórter, quero agradecer a correção da colocação dos termos daquele profissional, que, tanto quanto possível, ateve-se ao que conversamos, pois foi muito mais uma conversa do que propriamente uma entrevista.

Passo a enumerar os enganos:

1) Jamais disse que o **Diário Comércio & Indústria** é meu, se bem que gostaria muito que fosse. Nesse órgão, apesar de pertencer à Direção, não passo dum assalariado;

2) nunca, em tempo algum, atribuí-me parentesco com o governador Paulo Egídio Martins, devendo-se levar à conta de coincidência termos o mesmo sobrenome, aliás, bastante comum em nosso País;

3) não afirmel, e nem poderia tê-lo feito, ter cinco ou seis comunistas trabalhando na redação do DCI. O que disse, e reafirmo, é que poderia ser que lá houvesse alguns comunistas, pois nunca exigi, nem permito aos meus auxiliares diretos que exijam atestado de ideologia para ali trabalharem, basta que cumpram as suas obrigações profissionais. Fara mim, isso basta;

4) e, finalmente, e aqui levo à conta da imaginação do repórter, afirmo que no dia em que nos encontramos na Televisão Bandeirantes não havia comigo nenhum «guarda-costas». Realmente, há um funcionário da referida televisão de físico bem avantajado e cara de poucos amigos, apesar de ser um excelente companheiro de trabalho, e, certamente, o repórter, ao vê-lo, deduziu tratar-se de um «capanga», hábito que não cultivo, isto é, não costumo me fazer acompanhar desse tipo de pessoas.

Espero que, algum dia, serenados os ânimos e restabelecida a verdade dos fatos, possamos ter um encontro para debatermos nossos pontos de vista, com a cordialidade que deve nortear o relacionamento entre colegas de profissão.

Não espero, nem peço e nem julgo necessário que esta carta seja publicada. Ela deve ser encarada mais como um desabafo, que faz tão bem, e um esclarecimento de um jornalista que preza sua profissão e sabe reconhecer o mérito de trabalhos de seus colegas, embora, algumas vezes, discorde de seus pontos de vista.

Esperando ter contribuído, por pouco que fosse, para esclarecer algumas incorreções da referida matéria, peço para que aceitem meus votos de cordialidade.

Cláudio Marques
São Paulo

INTEGRA

«A gente cai, a gente sobe, a gente levanta, a gente volta.»

Ex-amigos amigos:

Acabo de receber o SOS dos amigos da imprensa democrática. Nós, do **Brasil Mulher**, estamos enfrentando as dificuldades, pelas rebarbas, de todo este sistema repressivo e desumano. Estamos até hoje, dia 13 de dezembro, sem gráfica para imprimir. A luta está desesperada porque temos que colocar o nosso nº 1 na rua, antes que termine o badalado, e não sabemos ainda se proficuo, Ano Internacional da Mulher (1975). O caminho é de resistência e quem é forte um dia se estabelece.

Não temos dinheiro para mandar, mas temos o abraço e o oferecimento de trabalho.

Joana Lopes
Editora do jornal Brasil Mulher
Londrina — PR

EX editores:

Desta vez, estou escrevendo para oferecer meu apoio e minha ajuda neste momento de porrada. O que vocês precisarem de nós, leitores, é só pedir. A gente se junta, se esforça, se vira e tenta fazer o melhor. Esquece o lugar quente e seguro entre as quatro paredes do nosso quarto, abre a porta e assume de uma vez por todas a condição de seres pensantes e não de bonecos controláveis como querem nos fazer crer.

O que vocês precisarem, a gente tá pronto.

Guida Vianna
Rio de Janeiro

Quando o meu jornaleiro preferido me falou que o Ex já era, entrei numa desolação forçada. Só vim me alegrar um pouco quando Veja, indiretamente falou que Ex agora é Mais Um. Hoje, ao me aproximar da banca, o jornaleiro explicava a um senhor de uns 60 anos, muito distinto, que o Ex tinha voltado. Meu testemunho pessoal: o jornaleiro e o tal leitor estavam vibrando.

Fiquei feliz: com a alinção do jornaleiro e do senhor respeitável. Com esses caras geniais da Ex-Editora, Mais Um, mais dois etc.

Me lembro do Chico Buarque: tenho medo de criar meus filhos nesse mundo aí. Eu também tenho. Mas, igual aos irredutíveis gauleses, daqui não arredo pé. É fazer fé e crer.

Eu, minha mulher e meus três filhos (futuros leitores de Ex, Mais Um, Opinião, Movimento, Veja, Pasquim) não somos tão alienados assim. Somos, isso sim, desinformados.

Antonio Gomes dos Santos
Recife

Acho que não precisaria. Em todo caso, pra «alocar» a minha solidariedade, transfiram a minha assinatura (virgem, pois feita após o engavetamento do Ex) para o «Mais Um». Saudações «subterrâneas».

Romulo Krafta
Porto Alegre

Até quando estaremos pulando de galho em galho? Quando, nesta porra de País, a verdade poderá ser dita? Por que querem esconder os fatos? Por que os donos deste País tratam a arte, o jornalismo sério e a verdade com ferro

quente? E... como vocês suportam toda esta dor?

Obrigado por continuarem, apesar das porradas...

Wanderley Lopez Sanches
São Paulo

Otimismo é tanto que mando material e na verdade nem interessa muito se vai ser publicado. É mais para dizer que somos todos testemunhas da mesma aflição. Abraço de toda a força.

Graça Lago
Rio de Janeiro

Nossa mensagem de Ano Novo: trechos do escritor brasileiro João Guimarães Rosa:

«Digo ao senhor: tudo é pacto. E todo caminho é resvaloso, mas cair também não prejudica demais. A gente cai, a gente sobe, a gente levanta, a gente volta».

«Liberdade é isso: movimentação.»

Sagarana
Associação Pró-Cultura, Arte e Educação
São Paulo

Prezados Amigos,

Congratulando-me pelo Ex, aqui Cr\$ 500,00 para ser «assinante querido».

P. M. Bardi
Diretor do Museu de Arte de São Paulo

Com os meus cumprimentos, acuso o recebimento da Circular em que anexam cópia da carta enviada ao Presidente da República, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa e Secretário Geral da Organização das Nações Unidas.

Inteirado do assunto, peço inscrever-me para uma assinatura semestral, assim como aproveito para colocar-me à disposição na elaboração de trabalhos no meu campo de atividades.

Cumprimentando-os pela iniciativa e corajosa persistência e permanecendo ao inteiro dispor, despeço-me cordialmente.

Deputado Alberto Goldman
São Paulo

Escrevo dois dias após tomar conhecimento da lamentável atitude do Sr. Armando Falcão, Ministro da Justiça, que autorizou censura prévia para o Ex. Todos nós, profissionais de imprensa, conhecemos a gravidade dessa medida e suas possíveis implicações. Aceitem minha maior solidariedade. E toquem a bola pra frente, com a mesma disposição que têm demonstrado. O trabalho da Ex-equipe — tenho certeza — encontra nos companheiros jornalistas do Rio todo respeito.

Carlos Roberto da Silva
Rio de Janeiro

«O sr. Herzog não é suicida
e ninguém poderá
jamais modificar o fato»

Assídua freqüentadora das seções de cartas de todas as publicações da capital paulista, a sra. Trudi Landau

tornou-se uma espécie de «jornalista epistolar» e seu nome já é familiar aos leitores paulistas. Ela reforça um ponto fundamental do «Caso Vlado», em carta datada de 5/1/76.

Sr. Redator:

Se talvez nunca venha a ser aceita, por todos, a afirmação de que, em vida, o Vladimir tenha sido suicida, posso assegurar-lhes que, na morte, ele já deixou de sê-lo definitivamente.

No cemitério onde repousa o sr. Herzog, os suicidas, pela lei religiosa, não são iguais aos outros e não merecem ser misturados àqueles que, prestando ou não durante sua existência terrenal, finaram-se porém sem ajuda própria.

A quadra dos infelizes suicidas é de nº 27, mas a de nº 28, onde o Vladimir foi enterrado às pressas na sepultura nº 64, é de falecidos comuns, dos que morreram por velhice, acidente, doença ou por outras circunstâncias. Enterrado, o sr. Herzog não é suicida e ninguém poderá jamais modificar o fato.

Trudi Landau
São Paulo

RESUMIDA

«Era de se esperar a sacanagem»

Este leitor pede, ao final, desculpas pelos erros e declara-se desolado mas esperançoso. Cita Chico Buarque — «vence na vida quem diz sim»; Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges — «quero ver soluções»; e José Cândido de Carvalho — «Ninguém mata o arco-íris». Data de 27/12/75.

Era de se esperar a sacanagem, que não podia ser da maneira como ia o Ex. Não podia ser, porque vocês estavam crescendo e isto incomodava certas pessoas e instituições.

Nós, os leitores do Ex fomos logrados pela ordem instituída. A cada número do Ex que a gente encontrava nas bancas pensava: até aqui tudo bem. Com o assassinato do Ex nada vai bem. Vocês começam tudo de novo, quando o Mais Um tiver o tamanho do Ex, morre — quem sabe antes.

Alberto Fernandes
Belo Horizonte

RESUMIDA

«Que a democracia
deixe de ser uma utopia»

Data de 2/12/75. O missivista assinou o nome e colocou na frente: «Estudante, 19 anos». Um menino de olhos muito abertos.

Ilmo. Sr.
Redator do Ex

Prezado Senhor:

Sob o permanente jugo deste sistema de governo autocrático em que o arbítrio paira sobre todos como uma sombra implacável, é agradável e estimulante constatar que ainda há homens destemidos e livres sobre o solo brasileiro. Tal pensamento me vem à mente ao ler o número 16 do Ex. Sem dúvida, um dos mais ilustrativos exemplos de independência, inerente a todos os órgãos da chamada imprensa «nanica» ou «un-

derground», com especial destaque ainda para «Opinião» e «Movimento». Independentes e lúcidos, os jornalistas que escrevem estes jornais nos dão uma clara demonstração de patriotismo, defendendo as suas idéias com coerência, coragem e livres de quaisquer interesses escusos. Alguns deles, mesmo sofrendo uma censura criminosa e discriminatória, conseguem sobreviver à custa de idealismo e muita vontade. Mesmo quando a censura oficial não está presente mutilando os seus escritos, existe a discriminação publicitária, que muitas vezes torna comercialmente inviável a produção do jornal.

O mesmo, contudo, não acontece com a esmagadora maioria dos órgãos da chamada «grande imprensa». Estes (com algumas exceções), em troca de páginas e páginas de anúncios, fogem de sua missão principal de jornalismo que alerte e informe o povo, para se submeterem à vontade de poderosos grupos estrangeiros, interessados somente em arrancar o mais possível de nossa pátria e de nosso povo, e defender os interesses dos grandes especuladores imobiliários, pois são esses que pagam os anúncios classificados. A maior parte destes jornais são eternamente arregados com o governo dizendo «sim senhor» a todas as suas decisões. Faltando 25 anos para o ano 2000 o Brasil apresenta um sistema de governo não compatível com o tempo em que vivemos. Com todo o poder emanando de uma junta militar que tem nas mãos toda sorte de dispositivos discricionários, para fazer o que bem entender, livre do julgamento do povo, o qual amedronta apoiado sobretudo na força das armas, e numa legislação excepcional que foge completamente aos ideais democráticos do povo brasileiro, este governo não sofre contestação por parte da «grande imprensa», o que é profundamente lamentável. Há contudo esperança; esperança apoiada na certeza de que com o fortalecimento

da imprensa «underground», ela venha influir de maneira decisiva na formação da opinião pública, abrindo caminhos para que a democracia deixe de ser uma utopia, para ser uma legítima aspiração do povo brasileiro.

**Marcus Cláudio Casalli
Curitiba**

INTEGRA

Wander Piroli:

«O tempo é de fezes
e de maus poemas»

O autor da antológica fábula «O Menino e o Pinto do Menino», no penúltimo dia de 1975, escrevia desejando aos amigos editores do Ex que 1976 fosse melhor... O Ex-16 publicou, junto com a reportagem «A Morte de Vlado», uma entrevista e um conto de Piroli, «Os Camaradas» (a história do rapaz que, no dia de Natal, leva um frango assado de presente para o amigo preso, e acaba ficando preso também).

Recebi a coleção do jornal: quanta matéria de primeira, um vento sadio nessa imprensa de merda. O poeta tem razão: o tempo é de fezes e maus poemas. Mas o «Mais Um» acaba de chegar, comprei dois exemplares, já me furtaram os dois, o que é bom sinal. A entrevista deu panos pra manga, inclusive o conto, que agora é conhecido em todo o Brasil. Olha que recebi carta até de um professor do Piauí. Mas o pessoal da literatura maquiada andou me dando porradas razoáveis. Cada um no seu papel, perfeito.

**Wander Piroli
Belo Horizonte**

João Antônio: «Um pouco de pau no burro talvez fizesse a carroça andar melhor»

O escritor de «Leão de Chácara» e «Malagueta, Perus e Bacanaço» é velho amigo dos editores do Ex. Esta carta, datada de 5/1/76, foi escrita quando João soube que a publicação «Extra», da Ex Editora Ltda., havia sido apreendida pela Polícia Federal. João Antônio mora em Copacabana, Rio de Janeiro. É ele o criador da expressão «imprensa nanica».

O ano aqui amanheceu ruço. Triscando meio de lado, pisando escabriado, mais magro e de fala mansa, de saco vazio e ouvindo loas ufanistas pela televisão, pelo rádio e pelos jornais da grande imprensa, pintou aqui na área ali pelo finzinho do exercício um velho de barbicha branca. O tal Papai Noel, sem encontrar quem lhe desse muita bola, parece ter ido festar noutra pedaço. Porque neste o céu andou ruço.

Extra nº 2 apreendido. Só mesmo fazendo uma frase de efeito. Cada nanico tem o destino que merece. Ou por outra: ninguém é antológico impunemente. Parodiando Narciso Kalili: só nos resta a coragem.

Afinal, aqui os pratos andam tão lotados, há tantos homens que sabem javanês, há tantas corridas do ouro em novas califórrias, há tantos milagres de ministros financeiros que um pouco de pau no burro talvez fizesse a carroça andar melhor.

João Antônio

RESUMIDA

«Escrevo o que sinto
pra continuar vivo»

O desabafo de um homem de teatro, num país recorde de peças retidas na Censura. Data de dezembro de 75. Uma denúncia, também, do autor premiado de «Delito Carnal — uma farsa atômica nacional».

Proibiram quinhentas e tantas peças em Brasília. Riscaram o Plínio Marcos do teatro brasileiro. Cagaram sentimentalmente pro **Rasga Coração** do Vianinha. E estão aceitando funcionário com a mentalidade do Chefe da Censura Federal de Belo Horizonte, um burocrata que chegou bêbado e de revólver na cintura para fazer a prévia de **Fando e Liz**, uma peça do Arrabal montada pelo Grupo Aviso. Quer dizer, diante desse quadro eu não achei nada estranho quando me cassaram o prêmio de 10 mil cruzeiros pelo primeiro lugar no Concurso de Dramaturgia do Rio Grande do Sul. A alegação não podia ter sido outra: «O texto constitui-se num atentado à ordem e aos bons costumes». Agora, eu pergunto. Como escrever peças que não firam a moral de censores armados? Eu sei a resposta: botando pra funcionar a autocensura. Mas eu não quero ficar paranóico. Porra, então escrevo o que sinto e o que penso. Pra continuar vivo, claro. E sem medo.

Eid Ribeiro
Belo Horizonte

RESUMIDA

A saudação dos presos:
«Contra a consciência infeliz»

Não foram poucas as cartas chegadas à redação do Ex, assinadas por leitores prisioneiros. Presos co-

muns, em sua maioria. A que vai transcrita a seguir, porém, é de presos políticos, detidos em fins de 1975 no Presídio do Cambuci, São Paulo. Foram todos absolvidos e libertados. «Entregamos a vocês — diziam eles na carta — como contribuição à luta contra a consciência infeliz, a poesia de Ricardo Morais Monteiro, jornalista que entrou preso aqui conosco...» A poesia está transcrita logo após a carta.

O importante de nossas vidas é que fique, em algum lugar, o fruto do nosso trabalho.

Aos que dirigem e colaboram com o jornal «Mais Um»:

Dois meses após nossas prisões e a incomunicabilidade começava a se romper de fato. Alguns jornais diários começaram a intrometer-se em nossas celas embrulhando, com exagero, penhas de banana e panelas de comida caseira. Um radinho de pilha era autorizado a funcionar, transmitindo o jogo «Internacional x Fluminense». O aparelho acabou ficando. O contato com as coisas do mundo da rua começava a se estabelecer.

E foi por este rádio que tomamos conhecimento da notícia: «Falcão decreta censura prévia ao Ex; o pessoal reage, fecha o jornal, lança um manifesto e funda Mais Um».

Uma alegria cúmplice percorreu a espinha dos dezesseis detentos. Fariamos o mesmo se estivessemos na pele de vocês. Estávamos contentes. Às notícias esgarçadas que nos traziam falando de resistências ao arbítrio somava-se mais esta.

Ficamos à espera de que alguém nos trouxesse o «Mais Um» no dia de Natal, quando então a vigilância da carceragem, do pessoal da PM e do DOPS não conseguiria se exercer tão minuciosa.

E alguém nos trouxe o exemplar; a vigilância não o agarrou, como fizeram com «Movimento», «Opinião» e os diários daquela data que, soube depois, publicavam denúncias de parlamentares, agora publicamente, de cassação.

Vibramos com «Mais Um»: a gozação do logotipo, a publicação do lúcido e corajoso «Manifesto Defesa-Ataque», a denúncia detalhada dos massacres do «Esquadrão», o jornalismo vivo, ágil, insinuante, ácido, de combate.

No entanto, algumas cartas de leitores nos impressionaram pelo assustado pessimismo que revelavam. Uma espécie de «consciência infeliz» transmitida a todos os leitores. Assustou-nos a possibilidade de que os acontecimentos de outubro/novembro (prisões, torturas, morte, ameaças, intranquilidade, medo), embora tivessem revelado a um número considerável de pessoas o caráter fascista desse governo, o processo dessa revelação tivesse sido acompanhado por um sentimento de total impotência perante o inimigo.

Uma «consciência infeliz», enfim.

Por isso, tomamos a iniciativa de lhes enviar esta carta. Carta de saudações ao «Mais Um» e de reconhecimento pelo trabalho lúcido e corajoso de todo o pessoal que constrói esse jornal.

Carta pessoal, sem condições de ir a público através da «Seção dos Leitores», pelo caráter de algumas de suas informações e pela nossa condição de presos políticos que, a esta altura, poderia trazer-lhes complicações desnecessárias.

No entanto, entregamos a vocês, como nossa saudação ao «Mais Um» e como contribuição à luta contra a «consciência infeliz», a poesia de Ricardo Moraes Monteiro, jornalista que entrou preso aqui conosco e que agora espera o julgamento em liberdade.

Esta poesia, escrita no dia 13 de dezembro, aniversário do AI-5, transformou-se imediatamente no canto comum de todos que aqui esta-

vam. E que, agora, enviamos a vocês para que façam dela o que entenderem mais oportuno.

Ao mesmo tempo em que recebam o nosso mais sincero abraço de solidariedade pela luta que vêm desenvolvendo.

São Paulo, 31 de dezembro de 1975

Duilio Demaria / José Milton (ilegível) / Sergio Gomes da Silva / Gildásio (ilegível) / Isaías (ilegível) / Sidney Cândido da Silva / Edwaldo (ilegível) / (ilegível).

INTEGRA

AOS AMIGOS DO «CORDÃO ENCARNADO»

Neste carnaval de tristes dias,
Vai sair um cordão diferente,
Organizado há muito tempo,
Seu enredo é a vida.

No momento da farsa humana,
Quando a mentira domina,
O cordão ilude e some,
Faz de conta que não existe.

O cordão é imenso
Tem gente em todos os cantos:
No Bairro da Experiência, no Subúrbio
Da Saudade, nos Confins da Esperança,
Na Turma da Verdade, no Pessoal da
Certeza, no Meio da Mocidade.

Neste carnaval de tristes dias,
Vai sair um cordão diferente,
Virado em pequenos gestos, em «aquele abraço»
Suaves carinhos e palavras de alento e firmeza.

Na verdade uma confusão.
Uma tremenda explosão dentro da gente
Desfilando por toda a parte a única alegria:
O «Cordão Encarnado
Dos Amigos do Peito».

Presídio do Cambuci, 13/12/75

«Se puderem, não publiquem meu nome;
mas se quiserem, não tem nada não...»

Bancário, 19 anos, estudante de Economia, este leitor mineiro escreveu com «vontade de meter uma bala na cabeça». Desalento típico em muitos jovens como ele, preocupados com a situação do país. Data de 26/12/75.

Prezados (mas prezados mesmo) editores:

Não é baranguice não, mas eu acho o jornal de vocês o mais sério dos jornais, longe-longo-longeeseeee.

Fiquei indignado com o que fizeram com vocês. Embora indignado, não se podia esperar outra coisa depois da reportagem sobre o Vladimir Herzog. Nós estamos no país em que estamos.

Se solidariedade por carta serve de alguma coisa: **ESTOU ABESTALHADO, INDIGNADO E PUTO-DA-VIDA COM A ARBITRARIEDADE COMETIDA PELO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA CONTRA VOCÊS.**

De certo modo, gente, estou também desanimado. Covardia? Talvez! A situação deste país é pra dar coceira no cu de qualquer um. Afinal de contas, se há tanta gente descontente, fudida e na miséria absoluta, como é então que não acontece nada? Eu acho mesmo que responsável pela miséria é o próprio povo. Claro que os governantes participam ativamente. Entretanto eles apenas estão aproveitando o comodis-

mo da raça, pra levar o deles. Vocês viram o caso do ministro que admitiu o filho no seu Ministério, né? Pois é! E olha que isto não é invenção, deu em tudo que é jornal. O que aconteceu? Um expurgo? Não. O rapaz apenas saiu. Só isso. Tudo bem, tudo legal, a gente vai levando, vai levando esta vida.

Eu tô falando tudo isto, gente, mas eu cago de medo também. Tô escrevendo procês e me cagando de medo. A coisa tá ruça. Tá me dando um desânimo desgraçado. Aliás nem deveria estar escrevendo pra vocês nesse tom, pois vocês precisam é de encorajamento.

Eu sou um cara que desde pequeno, quando me conscientizei de onde vivia, já era puto com o jeito de ser brasileiro. Houve uma época que cheguei a ficar empolgado com a solução que o sistema tava aplicando. No primeiro científico, cheguei a ganhar (pasmem) um livro de Moral e Civismo e Medalha de Honra ao Mérito, por uma redação sobre a «revolução». Eu achava que era o jeito. Que se o brasileiro não queria nada com a dureza, o negócio era entregar tudo pra estrangeirada explorar.

Depois eu comecei a me construir. Pesquisar a verdadeira história do país. Tive consciência que teria que haver brasileiros que pensassem de modo a ajustar um modelo político de acordo com a índole do nosso povo.

Resolvi portanto cursar economia. Bastou apenas um período pra que eu descobrisse que entrei pra desaprender. Não há debate. São todos reacionários, ou melhor alienados, com raras exceções. Os alunos com vontade de «ser alguém na vida», outros querendo administrar empresas de seus pais, parentes; pistolões etc. Os professores todos donos da verdade eterna e absoluta. Academicistas. Desatualizados.

Por quê? Me respondi: os alunos são os que puderam pagar cursinhos e, portanto, são ricos.

não têm sequer resquícios de consciência das necessidades do país onde vivem. Os professores. Mal pagos. Um bando de passa-fome que faz da Universidade um biscata. Estão errados? Não.

Mas em 77 pretendo estar cursando jornalismo. Única forma que encontrei de tentar dizer alguma coisa. Pretendo ir viver no Canadá depois de formado. Depois de dizer-lhes tudo isso, encher-lhes o saco, saio logo com essa, né? Por favor, não me excomunguem do rol de seus leitores. ESTE PAÍS NÃO TEM UM DESTINO INALTERÁVEL, MAS O DESTINO DELE CONTINUARÁ INALTERADO PELOS SÉCULOS DOS SÉCULOS, AMÉM!

O SOS de vocês foi uma coisa lindíssima, só se esqueceram de uma coisa: o AI-5 anula todos os artigos da Constituição (letra-morta), «desque» seja acionado.

Sinceramente, vocês podem não acreditar, mas eu estou numa depressão incrível depois de uma série de fatos que vêm acontecendo na pátria amada. Eu choro, fico de noite pensando, sinto na carne as coisas que fizeram, fazem e vão continuar fazendo com os jornalistas. Dá vontade de meter uma bala na cabeça, mas nem isso arrezórví o nosso problema, né?

Antonio Carlos da Costa Pacheco
Juiz de Fora

RESUMIDA

D. Paulo: «Argüir serenamente as consciências é uma estratégia muito mais eficaz do que usar multidões de exércitos armados»

Logo que decidiram lançar o tablóide «Mais Um», em substituição ao censurado Ex, seus editores procuraram o Cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo

Arns. Por falta de tempo, não pôde D. Paulo conceder a entrevista pedida, mas ficou com as perguntas por escrito em seu poder. As respostas, com data de 16/12/75, chegaram por carta. Também jornalista brilhante, editor de O São Paulo (órgão da Cúria Metropolitana da capital paulista, uma das sete publicações brasileiras sob censura prévia), D. Paulo dava seu testemunho sobre os dias que vivíamos e vivemos — «Maria, José e o Menino continuam por aí, sem lugar na sociedade»; e lembrava o culto ecumênico no 7º dia da morte de Vlado Herzog — «Senti, como poucas vezes da morte de Vlado Herzog — «Senti, como poucas esperança em dias melhores».

Ex — O que o Natal lembra mais ao senhor?

D. Paulo — Além do fato histórico, anunciado pelos profetas do Antigo Testamento, de um Deus assumir a condição humana, o Natal é uma presença constante. Explico-me:

Quanta gente ainda não encontra casa para morar?

Quanta gente tem de emigrar do calor humano de sua família?

Quanta gente, infelizmente, não consegue o pão de cada dia?

Quanta gente vê-se obrigada a curtir o frio?

Quanta gente não sofre o desamparo e a solidão de uma terra estranha?

Essa São Paulo imensa não é a Belém de muitos?

Maria, José e o Menino continuam andando por aí, sem lugar na sociedade.

Ex — Natal é dia de Paz, mas o senhor não concorda com a idéia de que estamos em guerra?

D. Paulo — Ouço dizer que estamos em guerra. Talvez as autoridades disponham de informações que não estão ao meu alcance. Gostaria até de conferi-las com as minhas. Por outro lado, percebo muito mais uma luta, digna e honrada, dos pais de família, tentando sustentar os filhos com o suor do rosto; acompanhado, com profunda admiração, a luta que os jovens travam para estudar, trabalhando durante o dia e freqüentando aulas à noite; não ignoro a luta das

donas de casa, com os seus orçamentos sempre alcançados, por causa da vertiginosa alta do custo de vida e na batalha difícil que é hoje a criação dos filhos.

Ex — A Comissão Justiça e Paz está promovendo o Natal dos Pobres?

D. Paulo — Várias entidades, no período de Natal, preocupam-se com os mais desamparados. A Comissão Justiça e Paz, empenhada que está na luta pela defesa dos Direitos Humanos, também dos presos comuns e políticos, não pode estar ausente dessas promoções. Mas o programa da Comissão de Justiça e Paz é mais amplo. Não se esgota em um dia só do ano, como se fosse um tempo de alívio para as consciências culpadas. A Comissão Justiça e Paz é um grupo selecionado, que procura ajudar na construção daquela prometida «paz na terra aos homens de boa vontade».

Ex — Qual foi a maior lembrança que o Culto Ecumênico, por ocasião do 7º dia da morte de Vlado Herzog, deixou no senhor?

D. Paulo — Sentí, como poucas vezes na vida, que o ser humano não pode perder a esperança em dias melhores. Quando estão esgotados todos os recursos humanos, restam-nos o misterioso poder da oração em comum e o conforto da solidariedade. Convenci-me, ainda mais, que argüir serenamente as consciências é uma estratégia muito mais eficaz do que usar multidões de exércitos armados. O Brasil parou, a fim de ouvir a voz do povo que se expressou, sincera e pacificamente, na Catedral Metropolitana de São Paulo.

Ex — O senhor, jornalista tarimbado, teve muitas dificuldades para redigir o Documento de Itaici?

D. Paulo — Sou um dos assinantes do famoso documento, mas não sou o redator. Eu estava presidindo a Assembléia dos Bispos do Estado de São Paulo. Dentro da reunião, surgiu a idéia de um pronunciamento sobre as comprovadas arbitrariedades, sobre violações da dignidade e dos Direitos Humanos, cometidas em São Paulo. Enumeraram-se, em plenário, as idéias e o espírito que deveriam nortear o documento. Nomeou-se uma comissão encarregada da redação, da

qual não participei. O texto foi ao plenário duas vezes, sofrendo diversas emendas. Aprovado em Assembléia, tornou-se um Documento do Episcopado do Estado de São Paulo. Vocês não acham que ele marcou uma página da História religiosa, social e política do Brasil?

Ex — O senhor gostaria de dizer mais alguma coisa?

D. Paulo — Um Natal muito feliz a toda a equipe do «Mais Um». Gostaria de agradecer, também, em nome dos Bispos do Estado de São Paulo, as numerosas cartas e telegramas que tenho recebido, agradecendo o Documento de Itaiçi. De modo especial, agradeço as cartas de presos comuns e políticos, assim como a participação de tantos no Dia de Jejum, realizado no mês de novembro passado. Enfim, que não deixemos de reservar um lugar para que o Cristo nasça em nossos corações.

«Assunto:

Cancelamento de anúncio»

**Uma carta sem comentários. Ou melhor, um ofício.
Data de 7/1/76.**

Prezados Senhores:

Vimos através da presente solicitar a V. Sas., o cancelamento do nosso pedido de inserção número 9297, seguindo orientação de nosso comum cliente Grupo Educacional Equipe.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos, mui atenciosamente,

**NEXUS PUBLICIDADE E PESQUISAS LTDA.
Guilherme de A. Castanho Neto
Departamento de Mídia
São Paulo**

INTEGRA

NOTA DOS REDATORES

Cinco dias depois dos acontecimentos descritos nessa reportagem, ou seja, a morte do jornalista Vladimir Herzog nas dependências do DOI/CODI do II Exército, a Justiça Militar de São Paulo instalou um Inquérito Policial Militar para o esclarecimento do caso.

Os laudos periciais de encontro de cadáver, exame de corpo de delito e exame de documento (grafológico), transcritos na reportagem, constaram como provas nesse IPM. Seu resultado, divulgado a 20 de dezembro de 1975, consta de uma tese apoiada pelo IPM, apresentada em 1ª nota oficial do II Exército, constatando que Vlado teria se suicidado com a tira de pano do macacão de prisioneiro que vestia.

Menos de 90 dias depois da morte de Vlado e apenas um mês depois do encerramento do IPM para apurar sua morte, no dia 20 de janeiro de 1976, outro acontecimento em dependências do DOI/CODI do II Exército sacudia a opinião pública do país, sendo assim noticiado pelo jornal **O Estado de S. Paulo**:

«O Comando do II Exército lamenta informar que foi encontrado morto, às 13 horas do dia 17 do corrente, sábado, em um dos xadrezes do DOI/CODI do II Exército, o sr. Manoel Fiel Filho. Para apurar o ocorrido, mandou instaurar Inquérito Policial Militar, tendo sido nomeado para presidi-lo o coronel de Infantaria Oema Murilo Fernando Alexander, chefe do Estado-Maior da 2.ª DE».

Com esta nota oficial, o II Exército comunicou ontem a morte do metalúrgico Manoel Fiel Filho, de 49 anos, morador à rua Coronel Rodrigues, 155, em Vila Guarani. Até ontem, não havia sido localizada qualquer ficha de antecedentes políticos ou criminais do morto. Ao que consta, sua morte deu-se por suicídio que teria sido praticado com as meias que usava. Não se informou se o corpo passou pelo IML.

Manoel Fiel Filho teria sido preso quinta-feira e, ao que consta, não chegou a ser interrogado. Estava nas dependências do Destacamento de Operações e Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI/CODI) do II Exército. Sua casa, na noite de ontem, estava vazia. Vizinhos informaram que entre 17h30 e 18 horas de sábado um Dodge claro parou em frente ao sobrado onde Manoel Fiel Filho morava e sua mulher, Theresa, gritou:

— Eu sabia que iam matar ele.

Theresa, acompanhada da filha, partiu com os ocupantes do Dodge. Dizem os vizinhos que Manoel tem uma outra filha, casada, e um neto. Descrevem-no como «um homem quieto, que falava pouco» e que gostava de recordar a mocidade.

Segundo se soube, o corpo de Fiel Filho foi sepultado no domingo, no cemitério da Quarta Parada, na Água Rasa.

(O Estado de S. Paulo, 20/1/1976.)

Impressão e Acabamento

Círculo do Livro S.A.
Av. Ermano Marchetti, 283 — Lapa
Caixa postal 7413
Fone . 262-5005
São Paulo — Brasil

Filmes fornecidos pelo Editor.

HAMILTON ALMEIDA FILHO

A SANGUE- QUENTE

"Que a memória de Vladimir Herzog
faça dessa geração a geração da esperança
que renasce todos os dias,
e que todas as esperanças em conjunto
formem uma corrente irresistível
que nos levará a dias melhores."

(Dom Paulo Evaristo Arns,
cardeal arcebispo de São Paulo)

"A edição do **Ex** que agora volta
sob forma de livro,
um relato forte e profundo dos fatos
que conduziram e se seguiram à
morte do jornalista Vladimir Herzog nas
dependências do DOI-CODI de São Paulo,
é uma contribuição
para a memória do nosso tempo.
Trata-se, a meu ver,
do melhor trabalho jornalístico de 1975,
e mais ainda, muito mais, isto é,
um dos trabalhos mais dignos
da história do jornalismo brasileiro."

(Mino Carta, outubro de 1977)

ESTE LIVRO CONTÉM O TEXTO COMPLETO DA EDIÇÃO ORIGINAL. NENHUMA PALAVRA FOI OMITIDA OU ALTERADA.